

Ressaca Literária



Ano 3, nº 5. Maio, 2019

revista de poesia, prosa et cetera



Apoio:





Para Início de Conversa

É com muita alegria que entregamos ao público leitor o quinto número da Revista “Ressaca Literária”, um periódico que tem firme comprometimento com os estudos literários e pesquisas acadêmicas.

Este quinto número é dedicado ao Curso de Letras, em face de seus 20 anos de existência e resistência no intuito de formar profissionais para uma educação de qualidade, nas áreas de Língua Portuguesa, Língua Inglesa e respectivas Literaturas.

Por isso, iniciamos esta edição com o texto “Letras-UnirG, duas décadas construindo a identidade linguístico-literária no Tocantins”, em que se apresenta um breve histórico do curso e de suas atividades linguístico-literárias.

O leitor poderá apreciar também, mais uma narrativa do contista Euler Moura, “Amores de Avião”, e mais uma “onda de poesia”, de autoria de alguns acadêmicos de Letras.

Além disso, há diversos artigos acadêmicos e ensaios que tratam de temas relevantes para as diversas áreas do conhecimento como: “No mar de dor e poesia, o que faz uma mulher com um cântaro?”, uma análise do poema “Mulher inclinada com um cântaro” de Jaime Rocha; “Desvendando as pedras na poesia de Cora Coralina”, texto de Adriana Gomes Rufo; “O ornato no discurso poético: contribuições

da retórica para o ensino de literatura”, de Lucas dos Santos Costa; e “A perspectiva intercultural no ensino de línguas”, por Rosemeire Parada Granada M. da Costa.

O Espaço Acadêmico Autobiográfico traz a história de vida da Professora Lucivânia Carvalho Barcelo. E no espaço “O entrevistado”, representante da AGL, o escritor Paulo Henrique Costa Mattos.

Na seção Outras Artes, Thallison Assunção apresenta o “Grafite: expressão visual artística”, enquanto Valdemiro Gomes de Souza mostra “A importância da narrativa para o ensino do teatro (Parte I)”.

A Ressaca de leitura traz “O fogo como personificação de vida e morte no poema “Vitalidade”, de Neto Amorim”, por Fabiano Donato Leite. Na sequência, Elane Aparecida Milhomem questiona se “O homem humaniza o cão, ou o cão humaniza o homem?”. E para finalizar, algumas curiosidades literárias.

Em nome de toda equipe da revista, agradeço a todos que contribuíram para mais uma publicação da “Ressaca Literária”, esperamos dar continuidade a este projeto, trazendo boas reflexões para os amantes da literatura e das artes em geral.

A todos, uma boa Leitura!

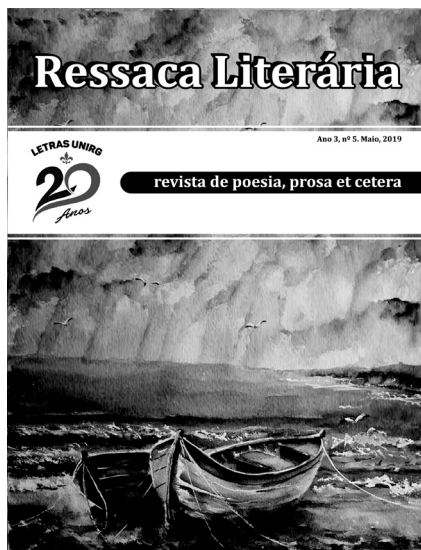
Wellitania Oliveira

Nossa capa

CAPA: José Manuel Ferreira

Título:

Descrição: Série Barcos -Técnica Aquarela em papel Fabriano 300gr 40 X 30



José Manuel Ferreira (1958) é artista plástico nascido em Lisboa, iniciou sua formação artística na Escola de Artes Decorativas António Arroio, tendo concluído em 1976, o curso de artes gráficas, o seu gênero de pintura enquadra-se na representação naturalista, com preferência especial para os registos urbanísticos e paisagísticos. É Vice-Presidente da APA – Inventart, Associação Portuguesa de Aquarela. Conta com diversos prêmios nacionais e internacionais como: S. Domingos de Benfica (1º Prémio); Constância (1º Prémio) e Pavia (1º Prémio). Participa em várias exposições coletivas e individuais. Colabora com várias Instituições Municipais na organização de eventos e workshops artísticos.

<https://www.facebook.com/artgalleryjmferreira/>

EDIÇÕES ANTERIORES



TÍTULO: Ressaca Literária Nº 05
PREFIXO EDITORIAL: 922619
NÚMERO ISBN: 978-85-922619-9-3
TIPO DE SUPORTE: papel

EQUIPE EDITORIAL

DIREÇÃO GERAL: Wellitania Oliveira

COORDENADOR DE REDAÇÃO:

Lucas dos Santos Costa

UNIVERSIDADE UNIRG

Presidente:

Thiago Lopes Benfica

Reitora:

Ma. Sara Falcão de Sousa

Vice-Reitor:

Drº Américo Ricardo M. de Almeida

Pró-reitor de Graduação e Extensão:

Me. Eduardo Fernandes de Miranda

Pró-reitora de Pesquisa e Pós-Graduação:

Drª Rise Rank

Coordenadora do Curso de Letras:

Maria Wellitania de Oliveira

Coordenadora de Estágio:

Lucivânia Carvalho Barcelo

REDAÇÃO/TEXTOS/FOTOS:

Daniela da Silva Faria Vieira

Domingas Santana dos Reis

Elane Aparecida M. Santos Milhomem

Euler Moura da Silva

Kamylla Rodrigues Milhomens

Lucas Peres da Mota

Milena Castro Milhomem

Raquel de Castro Pereira

Thallison Henrique de Souza Assunção

DIAGRAMAÇÃO: Natan Fernandes

PROJETO GRÁFICO: Wellitania

Oliveira

CORREÇÃO: Ilka da Graça Baía Araújo

REVISÃO: Fabiano Donato Leite

IMPRESSÃO: Gráfica Modello

Produção Independente

TIRAGEM: 100 exemplares

CONTATO: ressacaliteraria2017@gmail.com

WHATSAPP: (63) 98427-7656 / 98479-7961

Rua F, quadra 30, lote 14 nº 90,

Gurupi – TO – 77405-330



SUMÁRIO

20 ANOS LETRAS	06
NO CAMINHO DA PROSA	09
ONDAS DE POESIA.....	14
TEORIA E CRÍTICA LITERÁRIA	12
ESPAÇO ACADÊMICO AUTOBIOGRÁFICO	25
ENTREVISTA	28
PRODUÇÃO ACADÊMICA	33
OUTRAS ARTES	43
RESSACA DE LEITURA	48
CURIOSIDADES LITERÁRIAS	50

LETRAS-UNIRG, DUAS DÉCADAS CONSTRUINDO A IDENTIDADE LINGUÍSTICO-LITERÁRIA NO TOCANTINS



A Universidade de Gurupi - UnirG é parte de um processo histórico de 34 anos de existência. Iniciou sua trajetória como faculdade isolada, então denominada Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas de Gurupi (FAFICH), mantida pela Fundação Educacional de Gurupi (FEG) no período compreendido entre 1985 a 1997 quando eram ofertados dois cursos de graduação: Pedagogia e Direito.

Em 1999, foram criados os cursos emergenciais de História, Matemática e Letras (Português) para atender 60% de

professores da rede municipal de Gurupi e 40% de outras localidades.

Dos cursos emergenciais, o curso de Letras tinha o projeto para curso regular; no entanto em 2001, após a mudança da gestão, foi constatado que sua execução fora a mesma dos cursos emergenciais, por módulos, o que provocou movimento no sentido de adequar aquele curso para aquela turma específica, como emergencial e foi solicitada nova autorização para esse curso, agora para funcionar como, de fato, regular, o que foi finalizado pelo Decreto

Governamental 1.138 de 02/03/2001, com a habilitação em Língua Portuguesa e Língua Inglesa e respectivas Literaturas; foi criada também a habilitação em Língua Portuguesa e respectiva Literatura, por meio do Decreto Governamental nº 1.571 de 19/08/2002.

O **Curso de Letras** se apresentava, em 1999, como Licenciatura em Português (Parecer CEE-TO nº 056/99 de 14/05/1999 e 057 da mesma data), como Letras em regime regular, tendo sido autorizado para funcionamento no dia 14 de maio desse ano.

No início do curso, nomes como o das professoras Izanilde Lopes, primeira coordenadora do Programa Emergencial (Matemática, História e Letras), ainda em 1999, professores como Ivany Leal, Maria Cícera Celidônio e Fabiano Donato Leite são lembrados como pioneiros na tentativa de estabelecer a identidade do Curso em nossa região e do diálogo com a sociedade tocantinense, a fim de afirmar a necessidade do Curso de Letras no Estado do Tocantins. Foram muitas as dificuldades vencidas para sua afirmação, mas imediatamente o curso mostrou para que veio; e, em sua primeira avaliação de desempenho realizada no ENADE, Letras ficou com conceito B+. Diversos acadêmicos egressos das turmas iniciais de Letras da Universidade UnirG passaram a ocupar os espaços destinados à sua formação com competência e brilhantismo.

Ao longo destes 20 anos de existência, o Curso de Letras da Universidade UNIRG vem contribuindo significativamente para a formação humana, artístico-literária e pedagógica das comunidades do estado do Tocantins, especialmente aquelas da região sul através da participação em eventos

literários, didáticos e sociais que requerem a presença da academia.

O curso tem se esforçado para corresponder às exigências culturais de nossa sociedade, promovendo a formação linguístico-literária dos indivíduos envolvidos com o universo das línguas e das artes. Durante duas décadas, por diversas vezes, o curso vem participando efetivamente dos acontecimentos literários regionais, como Salão do Livro, Feiras Literárias, Saraus, Cafés Literários, Congressos e outros eventos. Definitivamente, este é um curso que veio para melhorar a identidade da população tocantinense, imprimindo como marca registrada de seu fazer pedagógico, a ampliação da criatividade do público e sua maior consciência crítica por meio da leitura, análise e escrita de textos.

São inúmeras as contribuições do Curso de Letras para a melhoria da Cultura Tocantinense no que diz respeito às atribuições da referida graduação. Hoje já existem inúmeros egressos ocupando cargos destinados à formação respectiva do curso, como Revisão textual, Magistério de línguas portuguesa e inglesa, além de outros acadêmicos que ingressaram na carreira literária como prosadores, memorialistas, poetas, bem como ainda aqueles que se apropriaram dos conhecimentos das línguas oferecidas pelo curso para deles se servirem como instrumentos que lhes propiciaram passar em concursos seletivos para outros cargos de áreas distintas.

A identidade literária do Curso de Letras da Universidade UnirG vem se solidificando cada vez mais com o passar dos anos, principalmente com as parcerias realizadas entre professores e acadêmicos do curso e

instituições afins, a exemplo da Academia Gurupiense de Letras e Academia Washington, entidades sempre parceiras dos profissionais e afeiçoados das Letras.

Sabe-se da necessidade de realização de maior volume de pesquisa no que concerne à identidade linguística de nossa região. Dentro desta perspectiva, o Curso de Letras poderá impulsionar mais esforços no sentido de contribuir para o registro de tal identidade, uma vez que nossa região mostra-se como uma grande fonte de expressões da língua portuguesa, ainda carente de estudos acadêmicos mais aprofundados.

A região tocantinense necessitada de recursos gráficos adequados para a implantação de um bom mercado editorial, mas a boa vontade e a atuação dos pesquisadores, professores, acadêmicos de Letras e artistas locais da palavra vem crescendo substancialmente, sobretudo depois da criação do curso de Letras da Universidade UnirG. Hoje o Tocantins já

marca presença em grandes eventos de renome nacional e internacional, com a participação de acadêmicos egressos e atuais do Curso de Letras.

Letras é um curso de resistência cultural e de esperança humana. Impossível pensar o sul de Tocantins sem a enorme contribuição do público que frequentou ou frequenta ainda a formação acadêmica em Letras. A certeza desta valiosa colaboração para o melhoramento humano, artístico e social da nossa gente é um valor que impulsiona sempre as Letras para frente, para outras inúmeras décadas e lutas que por certo virão.

Atualmente, o curso teve a Renovação e Reconhecimento do Conselho Estadual de Educação-CEE por mais cinco anos, por meio do Parecer CEE/TO – CES/CP nº 371/2018 378ª PLENÁRIA EM: 19/11/2018, processo 2017/27000/015205, o que coloca em evidência a relação dialética entre o pragmatismo da sociedade moderna e o cultivo de valores humanísticos.



NO CAMINHO DA PROSA



AMORES DE AVIÃO (E O PORQUÊ DE SEREM – OU NÃO - EVITADOS)

Por Euler Moura

Todo mundo odeia pessoas que falam demais. Se você não odeia, certamente é uma pessoa que fala muito. Eles estão sempre nos lugares mais inconvenientes, como em filas de banco, no intervalo do almoço. Esse tipo de pessoa costuma ser louca, o que as torna em um tipinho difícil de prever. Mas talvez as loucas sejam as que não falam muito. Enfim, esses dois peculiares espécimes estão, e incomodam em todos os lugares; principalmente se você sentar, como veremos a seguir, ao lado de uma pessoa assim, em um voo.

Tiago: Boa noite.

Dhébora: Boa noite.

Tiago: Como é que a senhorita tá?

Dhébora: Muito bem, graças a Deus. E o senhor?

Tiago: Melhor agora.

Dhébora: Ah... Certo.

Tiago: O que? Não gosta de um elogio?

Dhébora: Eu sou casada.

Tiago: Mas assim tão nova?

Dhébora: Isso importa?

Tiago: Desculpa.

SILÊNCIO CONSTRANGEDOR.

Tiago: Desculpa. A gente começou com o pé esquerdo, não foi não?

Dhébora: Certamente.

Tiago: Qual é o seu nome? Tem algo que você quer? Um autógrafo pro seu marido?

Dhébora: Achei que o senhor estivesse falando sério.

Tiago: E estou. Ele não vê as minhas lutas?

Dhébora: Suas...

Tiago: Saquei. Vocês crentes não curtem um sangue. Acho digno.

Dhébora: Não... Quer dizer, sim. Mas...

Tiago: Não sabe mesmo quem eu sou?

Dhébora: Na verdade, não. Eu deveria?

Tiago: EU VOU...

Algum passageiro aleatório: INVADIR A SUA CARA!

Dhébora: ...

Tiago: Eu sou lutador. Não curto tirar uma onda assim, mas sou um dos bons, sabe qual é?

Dhébora: Se o senhor assim diz...

Tiago: Tiago. Tiago Trauscher. Mas o povo me chama de "O Invasor"

Dhébora: Por quê?

Tiago: Lutador tem que ter nome de guerra. O meu é "O Invasor".

Mais silêncio.

Tiago: A senhora não me disse seu nome.

Dhébora: Débora. Débora Divina.

Tiago: É sério isso?

Dhébora: Algum problema com meu nome?

Tiago: Não, se você tiver falando sério. *Ôxi.* Não, não... Cada um com seu nome. É assim que é.

Dhébora: Ah... É.

Tiago: Você é bem nova, sabe?

Dhébora: ...

Tiago: Deve ser por isso que não me reconheceu. Eu fiz muito sucesso quando era mais novo, sabe qual é? Se duvidar, você nem tinha nascido ainda, he, he! Mas estou voltando às lutas, agora.

Dhébora: É? Ah... Então... Hum... De onde o senhor vem, exatamente?

Tiago: Ah, eu tô voltando da capital. Mas eu sou de Argonápolis. Nascido e criado naquelas ruas.

Dhébora: Meu esposo é de lá.

Tiago: Olha, vem cá... Quantos anos você tem mesmo?

Dhébora: Eu faço dezenove no ano que vem.

Tiago: E por que essa pressa toda pra casar, criatura?

Dhébora: Não foi pressa. Eu encontrei um bom moço, nós namoramos, e nos casamos, foi isso.

Tiago: Eu também sou da igreja. Quer dizer, eu fui, quando era moleque. Ia toda missa de domingo. Aqui, ó, meu São Jorge no meu braço. Me protegeu de muito malandro nas

lutas. Ou depois delas.

Dhébora: Eu sou evangélica, na verdade.

Tiago: E daí?

Dhébora: Nós não... Nós não cultuamos santos.

Tiago: E não, é?

Ela tira uma Bíblia da mochila.

Dhébora: Não senhor. Só acreditamos na Santa Bíblia.

Tiago: Olha, faz alguns anos que não vejo uma, he-he...

Dhébora: Pois deveria. É O Caminho. Sabe... Se o senhor quiser, senhor... Tiago, certo?

Tiago: Aham.

Dhébora: Então, eu poderia estar levando o senhor para uma igreja. Quem sabe o senhor não assiste um culto?

Tiago: Não... Eu já tô com 38 nas costas. Tô velho demais pra isso. É igual casamento. Pra mim já foi, já passou, agora nunca mais.

Dhébora: É divorciado?

Tiago: Duas vezes. Uma com uma mulher que conheci quando tinha, sei lá, tua idade. Idiotice de moleque. E a segunda foi uma supermodelo, a Sônia. A gente aparecia direto na televisão. Os jornais chamavam ela de "A Rainha das Academias".

Dhébora: Rainha das... Desculpe, não conheço ela, e realmente não me lembro disso.

Tiago: Ah, não faz mal. Melhor assim, até. A gente fez tanta capa de revista, tanta entrevista, e no fim, ela levou meus cascalho quase tudo.

Dhébora: Bem, ela certamente não o amava.

Tiago: COMO NÃO? COMO NÃO? FIZ TUDO PRA ELA!

Dhébora: Calma. Não há porque se exaltar. Pode sentar. Só estou dizendo que ela não devia te amar pra valer.

Tiago: EU DEI ANÉIS DE OURO PRA ELA! UM PRA CADA DEDO!

Dhébora: É isso? Ela devia te amar porque você deu joias pra ela?

Tiago: Ah... Não, veja bem... Não é bem assim...

Dhébora: Não foi o que me pareceu.

Tiago: OLHAAQUI, SUA FEDELHA, QUE QUE VOCÊ SABE SOBRE ISSO? VOCÊ NEM SABE QUEM EU SOU!

Barulhos de câmeras de celular. Sussurros. Segurança.

Segurança: Senhor, vou ter que pedir pro senhor se acalmar.

Tiago: Hum... Não, não tem necessidade não, seu guarda.

Segurança: Tudo bem aí, moça?

Dhébora: Ah... Sim, sim.

Segurança: Então tudo bem... Aliás, eu conheço o senhor, vi muitas lutas suas junto com meu pai.

Tiago: Seu pai lutava?

Segurança: Não, não. Nós víamos as lutas juntos. Bem, bom voo pra vocês.

SILÊNCIO.

Tiago: Olha, Denise... Desculpa por isso. Eu to ficando velho, e tá f... Tá difícil, eu digo.

Dhébora: Dhébora. Não Denise

Tiago: Dhébora, desculpa.

Dhébora: O que o senhor lutava?

Tiago: Boxe.

Dhébora: Ah...

Tiago: Aqui ó, tá vendo essa cicatriz aqui no queixo? Foi de uma luta. Eu apaguei o cara, e do nada um outro cara pulou da plateia com um canivete, e abriu esse rombo na minha cara.

Dhébora: Ele foi preso?

Tiago: Foram os dois. O cara com quem eu lutei tava por trás do acontecido. E além do mais, os tiras acharam erva no quarto de hotel dele.

Dhébora: Ah...

Tiago: E tu? Como que você entrou pra igreja?

Dhébora: Minha mãe é evangélica. Ela me levava pra igreja, e eu nunca saí de lá desde então.

Tiago: Ah, sim...

SILÊNCIO.

Tiago: Foi depois que o cara me atacou, que eu e a Sônia anunciamos nosso casamento. Cara, como o povo me amava naquela época. Ainda sou reconhecido, sabe? E...

Dhébora: Sônia, sua ex-esposa?

Tiago: Sim, sim.

Dhébora: Hum... Desculpe pelo que disse antes...

Os dois se encaram demoradamente.

Tiago: Não, relaxa. *Pff...* Aquilo não foi nada.

Dhébora: Eu não disse aquilo na intenção de ofender. É só, que... Sabe, o amor vai além... *Bem além* de anéis de ouro.

Tiago: Não, você tá certa, tá certa... Eu era famoso... Bem famoso naquela época.

Dhébora: ... Como assim?

Tiago: Eu era famoso, ué. As pessoas contornavam quarteirões pra me assistir lutar! As mulheres tinham pôsteres meus! Sabe como é, todo mundo ama um famoso. Nós ajuda quem não se deu bem na vida, e tá tudo certo.

Dhébora: E o que isso tem a ver com ela te amar ou não?

Tiago: Oxi! E ela lá ia me amar se eu fosse um pobretão, que nem quando eu comecei?

Dhébora: Se ela realmente o amasse, sim, ué.

Tiago: Ah... Criança... Não é assim que as coisas funcionam...

Dhébora: O senhor a fez sentir segura, alguma vez?

Tiago: Ah... Sim. Até parece que alguém ia mexer com ela, sabendo que ela era casada com "O Invasor".

Dhébora: Não, não... Não assim. Segura, no sentido que ela sabia que podia contar com você pra qualquer coisa.

Tiago: Tipo, pra sustentar ela? Porque foi o que eu fiz, he-he...

Dhébora: Não, não! Digo, se ela algum dia estivesse triste, ou algo de ruim acontecesse com ela...

Tiago: Mas eu já disse que ninguém ia mexer com ela.

Dhébora: Ah!... Certo, certo.

Tiago: E também tinha o sexo.

Dhébora: Ah...

Tiago: Qual é? Isso é importante, não é?

Dhébora: Sim, mas... Bem, não nesse sentido que o senhor está falando...

Tiago: Como não? Olha, eu tenho certeza de que nessa parte eu nunca decepc...

Dhébora: OKAY! Okay... Hum... E filhos?

Tiago: Tive um. Tiago Júnior. Mas foi com a minha primeira ex-mulher.

Dhébora: E com a segunda esposa?

Tiago: Só cachorro. Mas ela tratava os bichos igual filho, então tanto faz...

Dhébora: Claro que não! Se tivesse dado filhos pra ela, essa criança seria uma ligação eterna entre vocês e...

Tiago: E botar mais um moleque nesse mundo? Não. Só um tá bom de mais. É menos trabalho... E você, pensa em ter filhos?

Dhébora: Deus me livre! Eu não me dou bem com criança.

Tiago: AH... Mas falar dos outros é muito fácil, né não?

Dhébora: Não, olha... Ah... Okay. Tá bem. Eu entendi o que quis dizer.

Tiago: Assim... Seu esposo é rico?

Dhébora: Não.

Tiago: É bonito?

Dhébora: Eu acho. Por quê?

Tiago: Porque você não estaria com ele se ele fosse feio, né? Sendo pobre, mas bonitinho...

Dhébora: O QUE? CLARO QUE NÃO! EU O AMARIA, FOSSE COMO ELE FOSSE!

Tiago: Calma.

Dhébora: ELE ME DÁ FLORES. ELE FALA COMIGO. EU AMO ELE. AMO, AMO, AMO!

Turbulência no voo. As luzes se apagam. Quando as luzes se ascendem, há um casal pego "quase no ato" (ou durante, pelo menos foi o que me contaram).

Piloto: Atenção, senhores passageiros, passamos por uma pequena turbulência. Uma coruja se chocou no para-brisa da aeronave. Mas agora está tudo perfeitamente bem, já podem se acalmar.

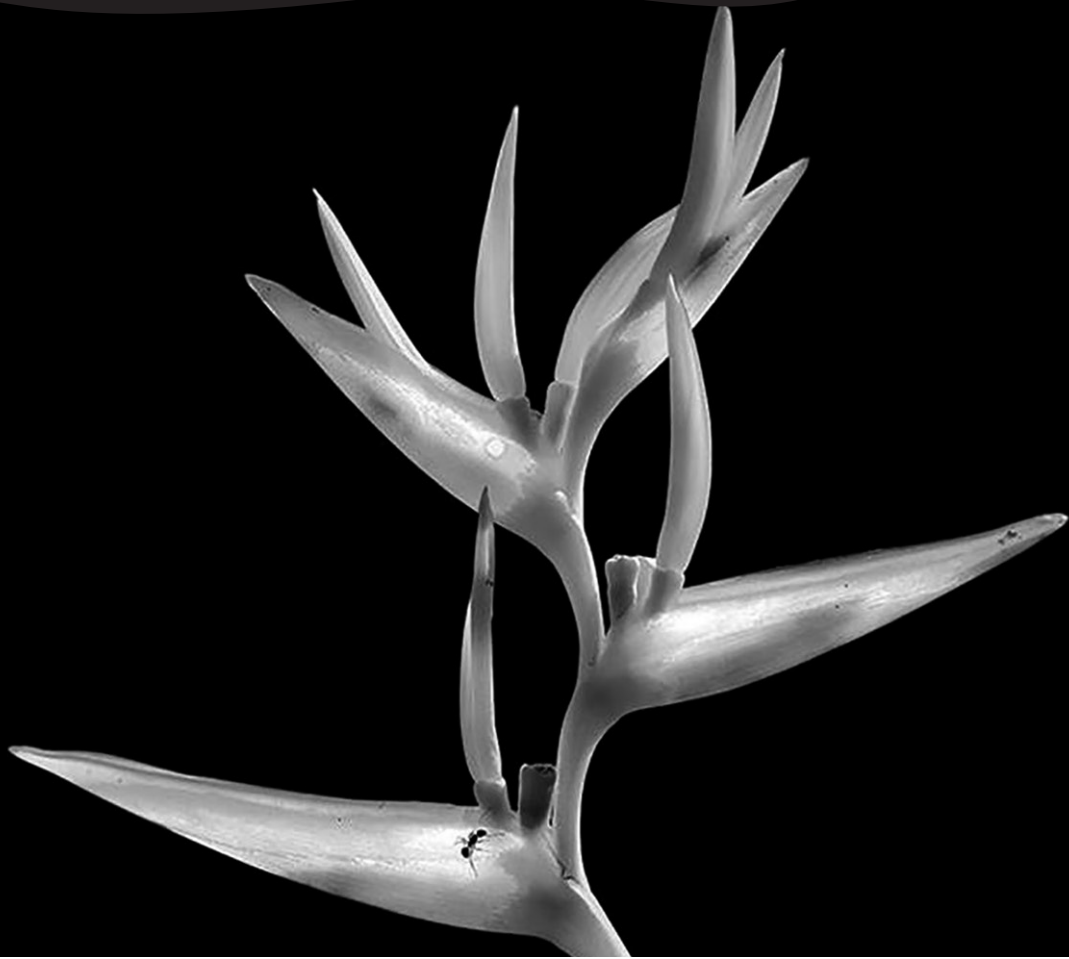


Foto: Antônio David Diniz – Repórter fotográfico

ONDAS DE POESIA

TEMPO QUE VOA

Angry Poliana

Vida passageira
vai levando os momentos.
A saudade vai ficando,
aqueles que já se foram
por nós estão olhando.
Andar devagar,
andar de pressa,
sem saber que hora é essa.
A hora passa!

ah como ela passa,
o que nos resta é paciência.
O tempo passa,
a idade chega
e nós partiremos deste mundo
como num sono profundo,
com destino à realeza.
Não dá pra controlar,
o tempo passa e vai passar,
nossa hora vai chegar,
e nosso Deus pai iremos encontrar.

TALVEZ NÃO SEJA PARA TODOS

Victória Reginna

Talvez o amor não tenha nascido para todos.
Talvez seja questão de sorte,
Sorte de um desatento.
Desatento o suficiente pra não perceber
que:
O amor chegou, bateu a porta...
Pena que ninguém abriu.
Talvez o amor não tenha nascido para todos.
Talvez não seja pra quem o procure

Desesperadamente.

Talvez seja para aqueles que estão em paz,
Paz com ele mesmo,
Paz no coração,
Paz na alma.
Talvez seja para aqueles que nunca
perderam a fé,
A fé no amar
Aliás o amor ainda é, e sempre será
O sentimento mais belo que existe.

TUDO BEM...

Milena Castro

Tudo bem, moça.
Sei que não era o que esperava
Sei que não era o que planejava
Não era o que sonhava

Tudo bem, moça.
Esse sentimento que toma de conta
Que comanda você agora
Que te consome, e você some...

Tudo bem, moça.
Isso não é fim de tudo
E sim um começo de um novo mundo

Mas enfim, moça.
Tudo bem, não está bem
O tempo todo, todo o tempo.



©Antonio David

Foto: Antônio David Diniz – Repórter fotográfico

HOMENAGEM AO PROFESSOR

Nicole Ferreira Barros

O professor, pessoa de valor,
Mesmo não sendo valorizada
Cuida, mostra a luz do saber,
Mesmo a quem não quer aprender,
Com muita garra sai de sua casa,
Para muitas vezes receber porrada

Com o salário, e o coração calejado,
O professor se mantém honrado,
Porém quem pensa que o professor é coitado,
Está muito equivocado.

... Mas vai chegar um dia em que
com muito mérito
o professor vai ser descoberto
e receber privilégio
Por ser educador...

Não existe na terra capitão américa
Que chegue aos pés da nobreza
de ser um professor...
Com muito amor ele constrói um legado
E será valorizado como um anjo, Salvador.

FILHA

Elane Aparecida

Procuro em meio a lágrimas
algo que faça sentido.
Ao redor de mim alguma coisa
que me completa.
Vejo carros passando, crianças correndo,
a vida seguindo.
Dentro de mim um vazio,
uma dor me destruindo.

Uma tristeza imensa,
um sentimento de impotência.
Meu sonho, minha total dedicação,
era você.
Hoje me encontro perdida,
você se foi, sem ao menos eu conhecer.
Um pequeno anjo, minha filha,
minha princesinha.

Para o céu se foi, virou estrelinha,
minha pequena.
Tanto que te desejei,
sonhei em ver seu rosto, seus olhos.
Senti dor três dias,
mas só pensava em você.
Nada que me digam vai amenizar
minha dor a cada amanhecer.

Dizem que o tempo sara todas as feridas.
Espero em Deus e no tempo
que essa dor passe.
Para sempre você será
minha filha primeira.
Minha pequena Talita,
vou te amar para vida inteira.

TRÊS TEMPOS

Euler Moura

(Uma releitura do poema
"Três Amores" de Castro Alves)

I.

No que sei da floresta encantadora
Do louco Deus, que Atenas chora
Passado é meu nome...
A primavera de teus risos
De minha vida as solidões enfloram
Longe de ti eu bebo os teus perfumes,
E sei que de outra são os lumes
- Tu és Raio da Tempestade

II.

No que vejo no espelho fantasma tão cobertos
Cismando em tua rosa predileta
Dando cartas com ar rancoroso
Presente será meu nome... teu lânguido poeta!
Através do Mar do Tempo, é você quem flutua
Roubo-te um casto beijo à seda nua
- E tu és Relâmpago da Tempestade.

III.

No que sinto das noites andaluzas
O sangue ardente em minhas veias rola...
Futuro foi meu nome... donzelas amorosas,
Vós conheceis-me os trenos da viola!
Teus jogos não me estranham quando se inicia...
Fadado à loucura, é como tudo termina...
Tu és - Trovão da Tempestade

OLHOS OCEANO

Matheus Nunes de Abre



Foto: Antônio David Diniz – Repórter fotográfico

Caminho em direção aos teus olhos,
buscando conseguir ver a tua alma,
uma das poucas partes em mim
que ainda me sinto seguro,
mas tudo que vejo é uma infinidade
de chamas vermelhas
queimando tudo que existe,
dentro do que antes pra um oceano azul.
Já encontrei diversas respostas
em apenas olhar
para os teus belos olhos-oceano.

NUMA ONDA DE POESIA V

Lucas Costa

Era a quinta onda, distinta...
Carregada de sons,
Numa variedade de tons.

Revestida de melodia...
Shuá... o coração enchia
Shuá... de canto com poesia.

Pelo corpo inteiro, senti sua vibração
Que meu sangue espalhou.
Contagante era a pulsação
Da vida que tinha aquela canção!

Seu ondular, seu compasso entrou...
Em meu ouvido, em mim
E pra mais um passo me energizou
Pra que eu chegasse firme, ao fim!

O QUE SINTO POR DENTRO

Jeremias Silva

O sol está ardente
Mais ainda procura luz
O coração está cedente
Que me faz lembrar da cruz
Ele venceu no deserto
E nos deixou céu aberto
Mas pequei no paraíso
Achando que era esperto
O lugar não são as desculpas
Já me sinto aflito e com culpa
Sou feliz do meu jeito!
Brinco, pulo e corro
Mas estou com o grito de socorro
Sou amor do meu jeito!
O beijo que une
A alegria no olhar
O coração pulsando
Lá se vai o meu amar

Nação

Felipe Neves

Se é realmente uma nação,
como podes ser assim tão bela?
Certamente, na criação, foi por Deus a preferida.
A magnitude da tua beleza contrasta
com o horrído do teu povo.
Se Deus lhe fez morada,
o Satanás mandou habitá-la.



<https://antoniodavid.wixsite.com/fotos>

Foto: Antônio David Diniz – Repórter fotográfico

ÁTIMO DE SAUDADE

Wellitania Oliveira

À Carmem Leal

Surgiu como borboleta
na penumbra do meu quarto
e alegrou o dia que nascia.
Era uma alegria saltitante,
era uma luz com asas negras,
era você se despedindo de mim.
Vieram a mim as lembranças
de momentos singulares,
acompanhados de um café
com sabor de amizade e canela.
Era a poesia que embalava
a conversa na varanda
e os planos que fazíamos
para o próximo café.
Hoje já não te encontro,
não há café, não há conversa nem planos,
há apenas a saudade, esta severa
senhora dos desencontros.

TEORIA E CRÍTICA LITERÁRIA

NUM MAR DE DOR E POESIA, O QUE FAZ UMA MULHER COM UM CÂNTARO?



Poesia, vivências e memórias

Dentre as funções exercidas pela literatura, ocorre o registro da memória, esta consiste também em mostrar os aspectos enigmáticos do ser humano, revelando sentimentos e atitudes de seu cotidiano.

No entanto, é o poeta que traz à tona todos esses sentimentos que se processam inicialmente nele, para depois transpor para o papel com o aroma de sua sensibilidade. Sendo assim, ao escrever uma obra, o

autor “ocupa uma posição responsável no acontecimento do existir, opera com elementos desse acontecimento e por isso a sua obra é também um momento desse acontecimento”, (BAKHTIN, 2010, p. 176).

Nesta perspectiva, para alcançar o êxito em sua produção, o poeta utiliza-se de uma estratégia de aperfeiçoamento da linguagem, inserindo características peculiares a sua criação, sem, contudo, afastar-se da realidade inspiradora que ele reproduz em seus poemas.

O poeta está sempre contemplando o mundo, as pessoas e as coisas que estão em sua volta. Mesmo quando idealiza e cria uma obra ficcional ele apoia-se na realidade que lhe é conhecida, metamorfoseando-a por intermédio da linguagem verbal, afinal, “por meio da palavra, o artista trabalha o mundo, para o que a palavra deve ser superada por via imanente como palavra, deve tornar-se expressão do mundo dos outros e expressão da relação do autor com esse mundo” (Idem, 2010, p. 180).

Nesta perspectiva, a visão do poeta é ampliada pelo conhecimento de mundo que ele adquire em sua vivência, que fica salvaguardado em sua memória e que desabrocha em lembranças que lhe servem de inspiração para a criação de sua subjetividade lírica, como também para a expressão do pensamento crítico-reflexivo.

Neste sentido, afirma Pierre Nora (1993, p. 9):

A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos (...) ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações

sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações.

Assim, a latência poética é aflorada, pois é na poesia que o poeta se revela, que faz florir na pedra o lirismo espontâneo e segue celebrando com palavras as inquietações de momentos próximos ou distantes, mas que são eternizados pela memória das emoções e se materializa com o impulso da lembrança.

É nesse contexto que a poética de Jaime Rocha se desenvolve. Para ele, escrever é relatar vivências, mesmo que estas lhe inspirem uma poesia triste como a *Mulher Inclínada com Cântaro*. Mas, “De que precisam os poetas para fazer uma obra de gênio? De dor. O sofrimento cria”, disse Raul Brandão (2001, p.52), refletindo sobre a pobreza humana. Assim como Brandão, Jaime Rocha também mostra que a dor tem um sentido na vida, que é por meio dela que o ser humano se redime e o poeta cria o que alimenta a sua alma.

Dessa forma, o poeta personifica os sentimentos e, por meio do eu lírico, assume o compromisso de representá-los em seus poemas pela legitimidade dos elementos que os compõem em relação ao mundo que lhe é intrínseco. Afinal, “o artista nunca começa desde o início precisamente como artista, isto é, desde o início não pode operar apenas com elementos estéticos” (BAKHTIN, 2010, p. 183).

Partiremos da premissa de que, no poema de Jaime Rocha, o mar é o elemento determinante de sua diegese poética e a mulher com o cântaro é o ser determinado, não só por estar na condição de subordinada

à situação expressa, mas também pela decisão de esperar a sentença do mar.

O mar é determinante para a construção de um cenário que abrange além do aspecto de natureza, a memória, a dor, a angústia e, sobretudo, a esperança da mulher que transporta o cântaro, a qual representa outras tantas que vivem à beira-mar, do mar se alimentam e diante dele velam por seus companheiros.

A temática da *“Mulher Inclínada com Cântaro”* está, provavelmente, relacionada às reminiscências da infância do autor, uma vez que nasceu numa pacata vila de pescadores, em Nazaré, e que, certamente, serve de inspiração para sua escrita poética, dada a beleza física e histórico-cultural do lugar. Assim, o texto em questão, surge como reflexo das vivências do poeta, sua familiaridade com assuntos que se relacionam com a praia, a natureza, a luta diária e, também, a dor da perda causada pelo mar. É uma poesia de reflexão, que humaniza sem cair no sentimentalismo piegas.

A DOR HUMANIZADA DE UMA MULHER COM UM CÂNTARO

O poema começa com uma imagem e um questionamento: *“Uma mulher com um cântaro/O que faz uma mulher com/um cântaro?”*(p.07), caberia aqui, uma análise baseada na visão fotográfica criada pelo autor, a qual chama a atenção para a configuração das formas do cântaro e da mulher, essas formas ganham relevância e concretude pelas palavras do autor ao dizer que *“Há ali um ritual entre o seu corpo / e o barro_____”* (p.08), o poeta deixa

transparecer neste recorte uma espécie de contemplação da beleza feminina, contudo, não é esta a imagem da mulher, que faz jus à experiência retratada no texto, aliás, é difícil selecionar uma que seja a imagem perfeita para caracterizar o poema, já que várias são as imagens criadas pelo autor e que se fixam na memória do leitor. Mas, *“Quando o naufrago aparece / na rebentação, a fonte seca e todos / os cântaros racham com o sopro da água”* (p.20), eis uma imagem que se concretiza e provoca turbulência no texto e fora dele, afinal, *“Há um grito no cimento molhado / e as ruas fecham-se como se assistissem / a um eclipse. Alguns telhados caem para / dentro das casas e as janelas explodem / com o vento”* (idem), é uma imagem forte que vai desencadear a revelação da dor e da angústia da mulher, já anunciadas no início do texto, em que *“Um cão corre pela água e deixa / duas pegadas de cada vez numa / praia vazia. A mulher e o cão / aparecem depois numa fotografia / cujas margens foram cortadas por / uma serra. Acabou o verão_____”* (p.07). É possível perceber nestes versos, a descrição de uma cena alegre do passado que acabou com o verão. E o que se segue é a construção da imagem de como ficou o ambiente, na visão do autor, comparado à “natureza morta” retratada por um pintor que “deixou no papel um cesto de limões / e uma garrafa”, desta forma, parece que Jaime Rocha considera que é fundamental o leitor participar ativamente do texto e, também, ter conhecimento de seu trajeto de construção poética.

Desta maneira, a imaginação do poeta provoca a criação de uma pintura feita de

palavras e que revela a realidade vivida por ele. Entretanto, quanto mais o poema estiver comprometido com o mundo real, mais as imagens usadas conduzem ao questionamento. Afinal, *“O que faz uma mulher com um / cântaro?”* A resposta parece óbvia, *“Essa mulher transporta o cântaro, / agora pesado de água e sacode os / cabelos que se entranham na rodilha.”* No campo da poesia, esta água transportada pela mulher, pode ter outro valor semântico, e muitos significados podem lhe ser atribuídos, principalmente se a água estiver em poder de uma mulher, esta (a água) pode representar, além da pureza e sensualidade, a vivacidade e a mutabilidade. A água, simbolicamente, é vida, mas no texto configura-se no símbolo da morte. Na água do mar está a vida, *“Mas agora é o tempo da morte, / A mulher sabe que chegou / o momento das aves, da sua / arribação mais tenebrosa_____”*. (p.10). O fato da mulher saber que é chegado o tempo da morte, revela a consciência da efemeridade da vida e das coisas.

É interessante notar que a vida é caracterizada pelo autor como relativa à materialidade dos acontecimentos, e estes são apresentados no texto, em certo momento, num tempo presente, e em outros, num tempo pretérito: *“dentro do mar uma força estranha / vem cobrir a mulher de claridade e só / depois a envolve com um véu, fazendo-a / relembrar um naufrágio”* (p.11). O passado nestes versos é retratado pela ausência que a mulher sente e pelas lembranças que estão guardadas na memória, pois, *“A memória traz-lhe o que resta do choro”* (p.12). Neste sentido, a memória serve de mecanismo

para despertar a lembrança e dar sentido ao choro da mulher, que sentada na areia espera, fitando o horizonte. O mar, neste caso, é o fator de significação, é *“o sítio onde está sepultado alguém ausente, / alguém que nunca chegou, alguém comido / pelos crustáceos”* (idem).

No poema de Jaime Rocha, o mar está conectado à questão da memória e tem o poder de transformar a realidade existente e dar novos significados a ela, como podemos interpretar nos versos: *“Mas o mar continua o seu movimento / redondo, desfigurando os rochedos, / à medida que as algas crescem”* (p. 13). Já dizia Schopenhauer (2001), que apesar dos esforços contínuos que se faz para afastar a dor, ainda assim é impossível, o máximo que se adquire é a sua transformação, o que também é muito difícil, mas quando se consegue, a dor se volta sob mil outras formas diferentes de acordo com tempo e as circunstâncias.

Em relação ao cenário, o mar servirá ao propósito de contextualizar o poema, mantendo o diálogo entre a natureza e a trama tecida pelo poeta, em que a personagem ora vive experiências novas, ora lembranças.

No que diz respeito ao comportamento da personagem, o verso *“Numa / espera que mata”* revela a passividade feminina, neste verso o poeta traz para sua poesia os valores tradicionais da comunidade marítima, onde a mulher aguarda cheia de ansiedade, crença e esperança o retorno do companheiro do mar, como a Penélope¹ esperava pelo amor. E enquanto espera, pacientemente, rebusca a memória e lembra *“o início dos dias de paixão”*. Na

trama da memória, o poeta trança, com fios de saudades, o reencontro da mulher com o seu amor. Mas em seguida ele reporta-a aos acontecimentos da realidade e à dor da existência, quando *“A noite tomba de repente como se / aquela cena fosse demasiado cruel”*.

A aparente crueldade presente no poema de Jaime Rocha é só uma forma que o poeta encontrou para evidenciar suas percepções sobre a dor da perda. O que fez surgir no poema, os questionamentos sobre o comportamento da mulher envolvida pela tragédia e pela dor, uma dor que parece interminável, *“Mas a natureza repõe a sua força / vulcânica devolvendo as pedras / ao grande rochedo e toda a paisagem / recua para uma forma primordial”*, como primordial é continuar vivendo.

Pode-se dizer que Jaime Rocha teceu o poema construindo uma trajetória partindo

de uma dolorosa memória expressa na linguagem e nas imagens que ela remonta com sensibilidade e criatividade literária.

O autor compartilha com os leitores um pouco de suas vivências junto ao mar, dando vida a uma personagem feminina que carrega um cântaro de emoções, dor e poesia. É um poema, segundo o poeta e crítico literário Henrique M. Bento Fialho, *“que se lê como uma elegia aos homens do mar (e, claro está, às suas mulheres), com um fio narrativo marcada pela familiaridade da experiência retratada. Essa experiência é a do luto, ritual da vida que traz a morte equilibrada sobre a cabeça como um cântaro”*.

Finalmente, *Mulher Inclínada com Cântaro* é um poema que não se esgota nesta análise, mas proporciona muitas possibilidades de novos enfoques sobre a temática abordada pelo autor.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, MIKHAIL. O PROBLEMA DO AUTOR. IN: _____. ESTÉTICA DA CRIAÇÃO VERBAL. TRAD. PAULO BEZERRA. 5. ED. SÃO PAULO: MARTINS FONTES, 2010. P. 173-192.
- BRANDÃO, RAUL. OS POBRES. 7. ED. LISBOA: BERTRAND, 1925. P. 76.
- _____. OS POBRES. PROJECTO VERCIAL, 2001. HOME PAGE: WWW.IPN.PT/LITERATURA
- FIALHO, HENRIQUE M. BENTO. ANTOLOGIA DO ESQUECIMENTO: [HTTP://UNIVERSOSDESFEITOS-INSONIA.BLOGSPOT.COM/2013/02/](http://UNIVERSOSDESFEITOS-INSONIA.BLOGSPOT.COM/2013/02/)
- NORA, PIERRE. ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA. A PROBLEMÁTICA DOS LUGARES. IN: PROJETO HISTÓRIA. REVISTA DO PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM HISTÓRIA DO DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA. SÃO PAULO: PUC. N. 10. 1993. P. 7-28.
- SCHOPENHAUER ARTHUR. O MUNDO COMO VONTADE E REPRESENTAÇÃO – LIVRO IV. TRADUÇÃO: HERALDO BARBUY. EBOOKLIBRIS: EBOOKSBRASIL.ORG © 2001.

¹ Penélope - Personagem da mitologia grega, esposa de Ulisses, filha de Icário e de Periboea, que por vinte anos esperou a volta de seu marido da Guerra de Troia.

ESPAÇO ACADÊMICO AUTOBIOGRÁFICO

LUCIVANIA CARVALHO BARCELO



A professora Lucivania Carvalho Barcelo é proveniente de uma família humilde, com valores e costumes tipicamente interioranos e cristãos bem tradicionais. Seus pais não possuíam muitos recursos para oferecer a ela e seus onze irmãos, grandes riquezas. Desse modo, ela e seus irmãos não tiveram uma vida de luxos e vontades, mas o essencial lhes foi dado, ou seja, educação e valores.

Não se recorda de problemas na infância, uma vez que sendo a caçula da família restavam somente os mimos e carinhos de todos. Viveu como uma criança feliz, e garante ter a certeza de ser essa a melhor de todas as vidas. Brincou muito, fez algumas peripécias, e poucas aventuras, já que não tinha inclinação para altas aventuras. A infância será sempre lembrada

como um período de aconchego, um período feliz, que deseja a todos.

Lembra-se de ouvir lindas histórias todas as noites, a mãe por capricho, não lhes deixava dormir sem um período devocional de histórias e músicas infantis, seguidas de orações que exprimiam o desejo do coração.

Os pais impuseram limites a ela e aos irmãos, muitas regras e sermões longos e difíceis de ouvir, embora muitas vezes houvesse a necessidade de se usar um pouco de castigos na intenção de forjar caráter em uma família tão numerosa em que havia uma diferença de dois anos entre os filhos.

O pai era a princípio lavrador e depois comerciante, se ocupava mais com suas atividades e a manutenção do lar e desse modo cabia à figura materna, a maior influência na formação da personalidade dos filhos. Não que o pai não tivesse importância, mas pelo fato de o tempo de convivência com a mãe ser muito maior e mais intenso. Assim foi o seu crescimento num lar cristão.

A docência se apresenta muito cedo em sua vida. Uma das irmãs mais velhas, Deuzeny, ingressa no magistério, e esse fato passa a dar o tom nas brincadeiras infantis em casa: passam a ser compostas por um cenário escolar: quadro negro, livros, giz. Além disso, todas as atividades “mimeografadas” que a irmã utilizava para alfabetizar na escola, tinha que levar para as caçulas em casa. Desse modo, aos três anos já arriscava a inserir-se no mundo da leitura e até a escrever pequenas palavras.

É neste cenário que a aspiração à docência se manifesta e os amigos e sobrinhas se tornam

os primeiros “alunos de garagem” embora, parte do dia permanecia reservada na imitação dos devocionais assistidos na igreja, o que acabou por desenvolver o hobby por cantar.

Morava numa pequena cidade do interior de Goiás chamada Mutunópolis e por lá inicia os estudos do “Primário” no Colégio Estadual João Teodoro de Oliveira. Nesse período a escola não a atraía uma vez que a irmã havia mudado de escola fazendo com que a caçula se sentisse insegura em estar só naquela multidão e recusasse a ir ou até, muitas vezes se esconder para não ir à escola. Após algumas pressões da mamãe, teve o privilégio de conhecer a professora Rute, a qual ensinou a ler e escrever, efetivamente. Lembra se dos olhos sempre brilhantes desta professora e o carinho com que tratava todos os alunos de classe. O seu método de ensino era baseado na meritocracia, talvez, por isso, todos, procuravam ser os melhores em sala de aula; um tipo de competição salutar em que nossa futura professora procurava se destacar.

Após concluir os estudos iniciais, cursou o então “ginásio” e o ensino médio na mesma escola, cursando o antigo técnico em Magistério. Cada desafio era simplesmente muito empolgante e esta vontade constante, trouxe vários prêmios de melhor aluno da sala. As premiações eram realizadas pelo prefeito com a presença de várias autoridades do município e da escola, o que era muito emocionante para os alunos.

Tinha a certeza, nesta época, da sua carreira e então veio a Faculdade, começa aos dezesseis, o curso de Letras na UEG - Universidade Estadual de Goiás- campus de Porangatu Goiás. Nesse tempo iniciou também num cursinho de Inglês na escola Fisk. Apaixona-se por formar novas frases, simular uma conversa, estava mesmo deslumbrada com a Língua Inglesa. No ano seguinte muda o curso de Inglês para o CCAA e aí entende que o amor do professor mostrado

pela disciplina podia também contagiar. Queria que as outras pessoas se empolgassem e ficassem tão motivadas em estudar uma nova língua quanto ela. E já começa a visualizar se sendo uma professora.

O sonho realizou-se em pouco tempo, aos dezoito anos, em virtude de já possuir o técnico em magistério, foi aprovada em primeiro lugar no concurso do estado de Goiás para a função de professora de Inglês. Após dois anos de cursinho de Inglês na escola CCAA, é também convidada pela escola a ser professora no cursinho conciliando a carreira docente com o período em que realizava o estágio supervisionando do curso de Letras, foi bem desafiador e empolgante.

No quarto e último ano da faculdade foi promovido um Concurso de Música de Língua Inglesa, se inscreveu juntamente com duas colegas de classe, uma delas a irmã mais velha e conseguiram o troféu de primeiro lugar, e foi realmente muito emocionante, e não tinha mais volta, a Língua Inglesa estava marcada para sempre e era como professora de Inglês que iria se realizar.

Na noite da formatura, a mãe estava lá, toda orgulhosa. E não poderia ser diferente. Foi ela a grande idealizadora das escolhas e sonhos. Ela, desde os primeiros anos de vida, quem incentivava a todos, desejava que fossem independentes. Aquela noite da formatura, não havia como quantificar a emoção expressa na face de uma mãe que fez o possível e o impossível para viver tudo aquilo e melhor, em dose dupla já que a irmã Luciene, dois anos mais velha estava ali também, lado a lado, realizando duplamente aquele sonho de mãe.

Após a conclusão da Faculdade de Letras, cursou pela Universidade Evangélica de Anápolis Goiás, a pós-graduação em Ensino de Língua Inglesa, para isso tinha que deslocar-se de ônibus, nas férias e finais de semana e então após as aulas retornava para casa e

para o trabalho. Nada era difícil demais, estava realmente amando cada desafio que surgia.

Concluída a especialização, decidiu que queria mais oportunidade de crescer e poder influenciar. Resolveu então tentar o concurso para professores do Estado do Tocantins, escolhendo especificamente a cidade de Gurupi, onde tinha parentes e foi novamente aprovada em primeiro lugar.

Estava correndo atrás dos seus sonhos, achava esses novos compromissos diferentes e desafiadores, o que proporcionou crescimento e maturidade, isso a fez desejar ainda mais. Então, no dia 09 de maio de 2001 passou a fazer parte da história de Gurupi.

Sem pensar, sai do aconchego familiar e muda-se para Gurupi. Devido à forte ligação com os pais, o início foi bem difícil, mas prosseguiu. Trabalhava com os alunos do Ensino Médio no CEM de Gurupi, onde foi muito bem acolhida além de trabalhar no cursinho de Inglês no COC.

Após conhecer e trabalhar com Ensino Médio e Cursinhos de Inglês recebe o convite para fazer uma prova prática e substituir uma professora de Língua Inglesa na então FAFICH. Foi avaliada por uma banca composta por gestores, professores de língua inglesa e acadêmicos. No dia seguinte, recebe o resultado, passando então a realizar mais um passo na carreira docente, a docência universitária.

A FAFICH, e depois CENTRO

UNIVERSITÁRIO UNIRG, propiciou ir além da docência isto é, passou a formar docentes. Nesta instituição de ensino, além da sala de aula, foi também Coordenadora de Estágio do Curso de Letras de 2009 a 2014 e Coordenadora Interina de Curso por um semestre em 2018, voltando à Coordenação de Estágio na atual gestão. Tanto a docência como a gestão lhe proporcionaram experiências ímpares para o crescimento profissional, o que lhe faz ser eternamente grata à UNIRG.

Nesses 21 anos de experiência docente, cursou o Mestrado em Letras pela Universidade Três Fronteiras em Assunção-PY, tendo a experiência docente como base de sua pesquisa sobre Crenças e Aprendizagem de Língua Inglesa nas Escolas Públicas de Gurupi. Cursou também em 2013 na Missouri State University, nos Estados Unidos, o curso de Formação para Professores de Língua Inglesa, promovido pela CAPES em parceria com a Embaixada Americana.

Continua atuando na Educação Básica e na Universidade de Gurupi, aprendendo e executando diariamente os desafios que essa profissão sonhada lhe trouxe e afirma veementemente que para chegar até aqui não bastou apenas sonhar, foi preciso dar os passos para que os sonhos se realizassem.

Espera poder ainda continuar crescendo e realizando os sonhos que só a carreira docente pode lhe proporcionar.



ENTREVISTA

PROFESSOR, HISTORIADOR, PESQUISADOR, SINDICALISTA E ESCRITOR, PARA PAULO HENRIQUE COSTA MATTOS TODO DIA É DIA DE LUTA E DE POESIA



Por Lucas Peres e Raquel Castro

RL - Com quantos anos você despertou interesse pelo mundo da literatura?

PH- Até oito anos de idade, eu era analfabeto, eu vivia uma vida no interior que era ir para beira de rio, andar de cavalo. E apesar de ir à escola, com oito anos de idade eu não

sabia ler ainda, em 1975 quando meu avô morreu e meus pais se separaram, meu tio me trouxe para Goiânia e me colocou na escola e começou acompanhar os meus estudos. Então foi quando comecei contato com a Literatura. Uma das coisas que meu

tio fazia era me presentear com livros, na época eu morria de raiva, eu queria brinquedo e ele me dava livros, mas logo, logo eu comecei a comer livro, assim em quantidades, porque eu fui logo desperto com Graciliano Ramos, Gilberto Freyre, Jorge Amado, então assim você teve uma profusão de autores nacionais que lidavam com questões sociais, como por exemplo, um universo que era muito próximo daquele universo que eu tinha vivido universo infantil no interior, numa região de coronéis, numa região em Mato Grosso.

RL - Quando você entrou no mundo da literatura, sentiu alguma mudança interior?

PH- Não tem como você escrever seja poesia, conto, seja um romance, seja um livro, sem lidar com as emoções, porque não existe essa coisa, agora eu sou escritor, sou ascético, estou só raciocinando, pelo contrário, eu acho que emoção é um elemento fundante no processo da escrita e olha que eu não me considero escritor, já editei doze livros, editei livros de poesias, de contos, mas a grande parte dos meus livros não são, vamos dizer, propriamente de Literatura, são livros de reflexões sociológicas, histórica, análise social e então assim a maioria dos livros eu busco sempre discutir temas, como a questão por exemplo, do trabalho escravo, a questão da educação, questão econômica, boa parte dos livros tem essa reflexão ou então alguns acontecimentos históricos de profunda relevância, como foi por exemplo: A guerrilha do Araguaia, que ainda hoje é um fato histórico extremamente importante no país, mas ainda obscuro, com poucas pesquisas, poucos livros sobre a questão.

Mas todo trabalho escrito tem com certeza esse elemento fundamental da emoção e lida pelas pessoas, eu não sair, vamos dizer impune e nenhum desses livros que escrevi.

RL - Você se lembra quando escreveu sua primeira poesia?

PH- Eu me lembro da minha primeira poesia, que eu fazia parte em Goiânia chamado RNC (Movimento de Resgate da Identidade Cultural) e nesse RNC nós tínhamos uma participação na parte que discutia teatro e a gente fazia apresentações teatrais em feiras, colégios e uma apresentação eu fiz uma poesia baseada no Bertolt Brecht chamada “O Tebas das Sete Portas” em que o questiona a questão de quem construíram as Tebas das Sete Portas? Quem construiu as pirâmides? Quem foi o cozinheiro da batalha dos cem anos? Então ele fazia um questionamento histórico de quem estava por trás dos grandes fatos históricos, mostrando que, aliás, exatamente não eram os grandes generais, os grandes reis, não eram os grandes imperadores, mas o povo, o homem trabalhador, então nós fizemos, eu fiz uma poesia baseada nessa poesia do Bertolt Brecht, que fazia exatamente esse questionamento e, aliás, o primeiro livro que eu publiquei, foi exatamente porque o povo escreve? Que foi editado pelo RNC, um movimento que trabalhava nas periferias de Goiânia com teatro, literatura de cordel, literatura em geral.

RL - Qual o escritor literário que você admira na nossa região?

PH- Na nossa região temos bons e grandes escritores, um particularmente que admiro que tenha uma literatura que eu acho

bastante consistente é o Moura Lima, que tem livros como “O Chão de Carabinas”, que trata e retrata a questão das disputas coronelistas, dos anos 30, 40 nessa região, muito antes de haver o Tocantins. Mas nós temos também bons autores na cidade, inclusive na Academia Gurupiense de Letras. O próprio professor José Maciel. Que tem uma profusão muito grande de literatura, embora o que ele produza seja muito jurídico, mas é um bom escritor e a professora Marilde Gomes, por exemplo, também uma grande escritora, ela tem um livro sensacional que conta a história da vida dela, é um livro autobiográfico, que são autores que acho que vale a pena ser reconhecidos e ser lidos.

RL - Se pudesse recomendar um livro, qual seria?

PH- *Eu tenho muitos livros a serem recomendados, mas vou dizer um livro que uma época da minha vida que me marcou muito, foi um livro chamado “A Mãe” do Máximo Gorki, um escritor Russo, que tem esse e outros livros como: “Minhas Universidades” enfim uma série de livros, e ele conseguiu retratar uma história de uma mãe e jovem militante revolucionário Russo, que é algo assim fantástico, outro autor que me marcou profundamente, a minha leitura foi o Graciliano Ramos, o “Vidas Secas” por exemplo, essa coisa dos escritores que têm esse viés de trabalhar o social e fazer a percepção das questões vamos dizer, que são muitas vezes micro, mas impacto no macro, para mim é fundamental, os grandes autores, um por exemplo, o autor de “Grande Sertão: Veredas” que é aparentemente uma história de cangaceiros, de pessoas que*

estão vivenciando um universo dos sertões, na verdade é um livro que é universal, porque ele fala da sensibilidade, do sofrimento, ele fala de uma situação que é impacta, ainda hoje o nosso tempo.

RL - Se você pudesse tomar um café com algum mestre da literatura, quem seria?

PH- *Com certeza eu gostaria de tomar café com Jorge Amado, aliás, até cheguei a conhecê-lo, mas é claro não tomei café com ele, mas se pudesse, com certeza, né? Ou Clarice Lispector, por exemplo, eu acredito que, são autores basilares da literatura nacional e que precisam ser conhecidos e que eu acho que a juventude atual muitas vezes não os conhece, outro autor assim que eu com certeza teria prazer inenarrável seria o Machado de Assis, esse seria o autor top, porque Machado de Assis é o gênio dos gênios.*

RL - No livro “Vida Vermelha”, que narra à história da esquerda e de movimentos sociais no Brasil, que lições foram obtidas ao pesquisar os fatos até a sua posterior publicação?

PH- *Eu queria deixar claro, que eu comecei a militar em organizações da esquerda, nos começos dos anos 80, ainda adolescente militei em várias organizações de esquerda, depois fui filiado ao PT durante 23 anos, mas tarde saí do PT por críticas às posturas do partido, ajudei a criar o PSOL aqui no Tocantins e embora hoje eu não tenha uma militância vamos dizer política partidária, eu continuo com uma perspectiva de esquerda. E o que me chamava atenção aqui no Tocantins particularmente e já mesmo antes de vir morar aqui, é que nós temos*

uns dos fatos históricos mais dramáticos da história republicana brasileira que é a guerrilha do Araguaia, que é até então tinha pouquíssimos trabalhos acadêmicos, trabalhos de pesquisa sobre a guerrilha do Araguaia, então eu em função dessa longa militância política de esquerda e em função de conhecer elementos da Guerrilha do Araguaia, eu busquei escrever um livro que retratasse exatamente o surgimento do movimento de esquerda no Brasil e encerrando com a questão da Guerrilha do Araguaia, que foi uma Guerrilha puxada pelo Partido Comunista do Brasil.

RL - Como membro da Academia Gurupiense de Letras, onde ocupa a cadeira 23, que trabalho ou projetos você tem desenvolvido lá?

PH- Na verdade nós temos participado da vida da Academia, eu fui inclusive presidente da academia por um período, temos o Café com Letras, temos as reuniões que visam discutir literatura, nós tivemos inclusive um encontro organizado pela AGL, foi bastante significativo, reunindo não só escritores ligados à academia, mas convidados do estado todo, tivemos aí o professor Concesso que foi palestrante, tivemos uma série de outros palestrantes, então assim basicamente a perspectiva que nós temos é a participação daquilo que é o cotidiano da academia, eu acho que a academia inclusive hoje ela está passando por um processo de renovação bastante significativo e até a perspectiva de criar uma academia jovem de letras está colocada em pauta, eu acho que isso é fundamental, penso que o Tocantins ele tem que realmente criar condições para que haja Academias como a nossa

de Gurupi, que é uma das pioneiras, eu fui integrante da Academia Colinense que fica no norte, próximo a Araguaína.

RL - Você é escritor, professor, pesquisador e poeta. Com qual estilo que melhor se identifica para escrever?

PH- Bem, na verdade, até por vício de profissão, que eu sou historiador na Universidade Federal de Goiás, Sociólogo na Universidade Nico Lopes de Cuba, eu tenho sempre um viés mais ligado às questões sociais, tanto as poesias, como os contos e o que produzo tem esse viés, ter sempre a reflexão social, questionamento que buscam não só compreender ou até questionar elementos que estão ligados ao funcionamento da sociedade, às questões como por exemplo do trabalho escravo, como a questão dos direitos humanos, enfim sempre com temáticas sociais e nesse entorno eu produzir os meu livros, a minha literatura.

RL - Tem algum projeto em andamento?

PH- Tenho tentado voltar a me dedicar com um pouquinho mais de atenção à poesia, eu sempre gostei muito de poesias e contos, andei publicando alguns livros como os favores poéticos e outros livros, mas na verdade, ultimamente em função até dos compromissos que tenho referentes ao sindicato dos professores e outras atividades de militância eu já não vinha há muito tempo escrevendo poesia, ultimamente eu tenho voltado à escrever poesias, voltado a participar de alguns cursos, voltado a ter participação em algumas antologias, porque eu penso que a poesia é umas das formas de expressão em que pode ajudar muito a

expressar aquilo que está na alma e até nós aliviar diante de algumas tensões. Eu acho que nós vivemos um período histórico muito sombrio e que a literatura e a poesia têm um papel fundamental para ajudar a não distensionar mas até dar vazão nas nossas utopias, nas nossas esperanças, naquilo que a gente acredita como sendo algo fundamental para qualquer ser humano, eu sou daqueles que pensam que o ser humano não nasceu para morrer de fome, nasceu para brilhar, para ter uma vida digna, decente e nós não vamos conseguir fazer essa vida decente sem literatura, sem poesia na nossa vida.

RL - Como surgiu a ideia de escrever o livro “Agro-escravidão: a degradação do homem e o avanço do agronegócio do Brasil contemporâneo”?

PH- *Sou assessor educacional dos direitos humanos em Cristalândia e infelizmente o Tocantins é um dos campeões brasileiro de trabalho escravo do país, nós temos aqui um estado vizinho, que é o estado do Pará que é o campeão nacional de trabalho escravo, aí na minha militância em prol dos direitos humanos eu acompanhei muitos trabalhos da comissão pastoral da terra e de um francês chamado Xavier Plassat que é o coordenador nacional contra trabalho escravo, na época que fui fazer o mestrado em 2009, estava em folga, aí muitas denúncias de trabalho escravo no Brasil e no Tocantins, então esse meu objeto de estudo do mestrado, posteriormente o trabalho escravo continua avançando no país, hoje nós temos mais denúncia de trabalho escravo nas cidades do que no campo, invertendo um processo que tem crescido, o trabalho*

escravo no Brasil é uma chaga permanente que invés de decrescer infelizmente nos últimos anos tem crescido, então esse tem sido um objeto de estudo meu aqui na Unirg e de intervenção minha no centro de direitos humanos em Cristalândia, então a grande perspectiva desse livro “Agro-Escravidão” é mostrar que aqui no Brasil na medida que o Agronegócio é avançado é avançado junto a degradação do trabalho humano, desrespeito aos trabalhadores e infelizmente o trabalho escravo, então essa publicação foi uma publicação que tem elementos da minha dissertação de mestrado mas que tem elementos de uma pesquisa que já faço há anos e inclusive denúncia sobre o trabalho escravo no Tocantins, na região Amazônica e no Brasil.

RL - Você acha que seu papel social, está servindo para mudar alguma coisa dentro da sociedade?

PH- *O que eu escrevo, eu escrevo como arma de denúncia, trabalhos escravos, questões ligadas à educação, ao entendimento do funcionamento de aspectos do modelo econômico em que nós temos é para mim uma missão denunciar aquilo que considero como abuso, contra os direitos humanos, contra o trabalhador, então eu faço isso não para ter compensação financeira ou para ter méritos e reconhecimento literário, mas é como uma missão de intervenção militante, mas sim, eu na verdade penso que o trabalho até por acontecimentos decorrentes do que produzir impactando em grupos sociais trabalhadores rurais, em sindicatos do trabalhadores rurais, no trabalho de defesas dos direitos humanos.*

PRODUÇÃO ACADÊMICA

DESVENDANDO AS PEDRAS NA POESIA DE CORA CORALINA



Cora Coralina em 1982(foto: Arquivo Museu Casa de Cora Coralina/Divulgação)

Adriana Gomes Rufo¹

Cora Coralina, pseudônimo de Anna Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, foi uma poetisa brasileira, nascida na Cidade de Goiás (1889). Desde criança, como conta a história, demonstrou alma e inteligência de poetisa e, por vezes, até de filósofa, seus escritos não nos deixam dúvida quanto a isso. Essa sensibilidade afluída fica transparente em vários poemas de sua lavra.

A luta de Cora para conseguir conquistar a carreira literária não foi fácil, parecia

mais que “tinha uma pedra no meio do (seu) caminho”, ou que “no meio do (seu) caminho tinha uma pedra”. Não, não era a pedra de Carlos Drummond de Andrade, que separava o homem do objetivo. Mas a pedra que deu a luz para a escrita de vários poemas. A pedra que inúmeras vezes a inspirou, tornando-se tema de suas poesias.

No ano de 1965, pela Editora José Olímpio, foi publicado seu primeiro livro: “Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais”. A poetisa já tinha 76 anos de idade quando isso aconteceu (TAHAN, 2002).

Assim, diz a poetisa:

[...]

A vida se esvai
no atropelo das gerações,
na corrente dos anos,
na ânsia dos impossíveis:
Removendo pedras, cavando
trincheiras
construindo os caminhos
do futuro. [...]
(CORALINA, 2001, p. 93).

A “pedra” na poesia de Cora torna-se cada vez mais frequente. O tempo passou, mas o sonho não! Ela estava realizando-o com a publicação de seus escritos. Naquele momento, Cora vencida mais um obstáculo em sua vida: construía seu caminho rumo à carreira literária.

Para Bueno (1985, p. 841), “a pedra significa corpo duro e sólido da natureza das rochas...”. Podemos refletir sobre o significado desse vocábulo, sob o ponto de vista das impedições familiares vividas na infância da poetisa, quando a mesma se posicionou diante do desejo de escrever e a família lhe negara esta opção. Mais tarde, a poetisa trouxe essa resistência da família como tema de sua poesia. Resistência que soou como “pedra” no seu caminho, mais que mesmo no tarde da vida ela conseguiu quebrá-la:

Ela cascadeia há milênios
Minha poesia... Já era
Viva e eu sequer nascida.
Veio escorrendo num veio
longínquo de cascalho.
De pedra foi meu berço
De pedras têm sido meus
caminhos.
Meus versos:
pedras quebradas no rolar e bater
de tantas pedras
(CORALINA, 2001, p.104).

Cresce a fama de doceira e de poetisa também. Onze anos depois, surge a publicação do seu segundo livro: “Meu livro de Cordel”, pela Editora Cultura Goiana (1976). Nessa época sua casa tornou-se palco de variados visitantes; entre eles estudantes que vinham para entrevistá-la. Ela recebia a todos com muito carinho, pois isso também fazia parte de seu aprendizado. Declamava versos e contava histórias, despertando no público muita emoção em ver aquela figura, já velhinha, com versos tão fortes e marcantes (TAHAN, 2002).

Na história da literatura percebe-se, através das leituras, que cada artista desenvolve sua temática de acordo com aquilo que ele mais se identifica ou acredita. Presume-se que essas temáticas sejam frutos de algo que o artista tenha vivido, ou pelo menos gostaria de ter experimentado, sendo assim, o seu desejo é transportado para suas obras, como forma de realização pessoal. A poetisa Cora Coralina, ao longo de sua trajetória de vida e carreira, construiu sua própria história, marcada pela luta, pela coragem e pela realização plena de seus sonhos. Realização essa ocorrida no tarde de sua vida, depois do quebrar de tantas “pedras”. Em cada poema que ela fala em pedra, encontramos uma pedra diferente, ou melhor, um significado distinto, porém, expresso com o mesmo símbolo.

As transformações da cultura e as mudanças nas ideias nascem das dificuldades que são, simultaneamente, encontradas em cada época vivida pelo indivíduo histórico, seja ele homem ou mulher. As poesias de Cora Coralina são reflexos da mais pura realidade vivida por ela mesma. Encontramos relatos desde a sua época de meninice, quando já manifestava o desejo de compor poesias e a mãe não aceitava essa sua vontade. Quando jovem, ou já na fase adulta,

sendo mulher, as dificuldades aumentaram ainda mais, pois as mulheres que se tornavam públicas na época vivida por Cora não eram vistas com “bons olhos” pela sociedade, que ainda insistia no machismo e no tradicionalismo de que a mulher não podia realizar suas vontades e seus sonhos, pois sua função era apenas cuidar de casa, filho e marido.

Recebeu muitas críticas, tanto do lado familiar, que no início não apoiou sua vontade de escrever, de entrar para o mundo das letras; como da sociedade de seu tempo, que ficou escandalizada quando ela decidiu viver ao lado do homem que amava. Acredita-se que todo ser humano passa por inúmeras dificuldades, sejam elas financeiras ou psicológicas, as quais surgem ao longo da vida, ensinando-o a viver. Consequentemente, foram esses obstáculos, essas dificuldades enfrentadas pela poetisa que a ensinou a viver e a crescer como pessoa e também como escritora.

Apesar de algumas poesias demonstrarem tons de amargura, outras despertam reflexões no leitor. As “pedras”, ou melhor, as críticas que Cora Coralina recebeu ao longo de sua vida a transformaram e a fizeram crescer. Uma subida que nem ela mesma pôde avaliar a dimensão:

Ajuntei todas as pedras
que vieram sobre mim.
Levantei uma escada muito
alta e no alto subi.
Teci um tapete floreado
e no sonho me perdi.

Uma estrada.
Um leito,
Uma casa,
Um companheiro.
Tudo de pedra.

Entre pedras
cresceu a minha poesia.
Minha vida...
Quebrando pedras
e plantando flores...

Entre pedras que me esmagavam
Levantei a pedra rude
dos meus versos
(CORALINA, 2001. p11).

A despeito do que foi Cora Coralina, a mesma deixa transparecer uma imagem de mulher corajosa, forte e dedicada, que se posicionava claramente a favor de seus sonhos. Pode-se assim dizer que Cora Coralina é sinônimo de fortaleza, como as “pedras” em que ela tanto se fartou para escrever; a poetisa foi dura e forte, como é a “pedra”.

Cora Coralina foi dura, mais não a ponto de perder a doçura pela vida. Precisou ser firme para resistir a tantas dificuldades e manter fortalecido o desejo de compor seus poemas.

O seu pensamento, a sua resistência humana é firme como as “pedras” de que ela tanto fala e exclama. Narra, faz enredos em torno do vivido e até do imaginado, resgatando os fatos que lhe aconteceram no passado. O que se pode perceber é que a poetisa criou e recriou de fato a sua própria história, tornando-se exemplo de vida e ânimo para futuras gerações, exemplo esse, que não há de se apagar nem nesta, nem nas gerações vindouras. Exemplo vivo, diante das lutas e incertezas, afirmando que vale a pena recomeçar sempre; é só recolher todas as “pedras”, ou melhor, todas as críticas e construir novos caminhos, que se chegará onde quiser, assim como ela chegou.

Não te deixes destruir...

Ajuntando novas pedras
e construindo novos poemas.
Recria tua vida, sempre, sempre.
Remove pedras e planta roseiras e
faz doces. Recomeça.
Faz de tua vida mesquinha
um poema.
E viverás no coração dos jovens
E na memória das gerações que
hão de vir. (CORALINA, 2001, p. 148).

Cora Coralina morreu, mas deixou em nós o seu legado. Como uma árvore que por mais bonita que seja suas flores e galhos, é nas raízes que está sua sustentação, o seu equilíbrio. Ela se foi deixando em nós as suas raízes, por meio de seus poemas. Pois foram essas suas raízes de poesias que fizeram dela uma grande poetisa.

Morta... serei árvore
serei tronco, serei fronde
e minhas raízes
enlaçadas às pedras de
meu berço são as cordas
que brotam de uma lira

Enfeitei de folhas verdes
a pedra de meu túmulo
num simbolismo de
vida vegetal.
Não morre aquele
que deixou na terra

a melodia de seu
cântico.
Na música de seus versos
(CORALINA, 2001, p. 106).

Por meio da escrita poética, a poetisa Cora demonstrou-nos, através da poesia, ter uma compreensão mais ampla e melhor do mundo e de si mesma. Cora Coralina, em sua obra poética, nos faz perceber que a poesia tem a capacidade de fazer o homem enxergar o mundo sob um novo aspecto, ou descobrir peculiaridades até então desconhecidas por muitos. Isso ocorre porque a poetisa chama a atenção sobre nossos sentimentos mais profundos, em que raramente penetramos.

Simple e harmoniosa, a poetisa utilizou a poesia para nos fazer ver a vida de uma forma diferente. Após contar, em versos, toda a sua experiência de vida, usou sua sensibilidade para mostrar ao leitor que a “vida tem duas faces: positiva e negativa”. Cabe a cada um de nós saber aproveitar essa dualidade.

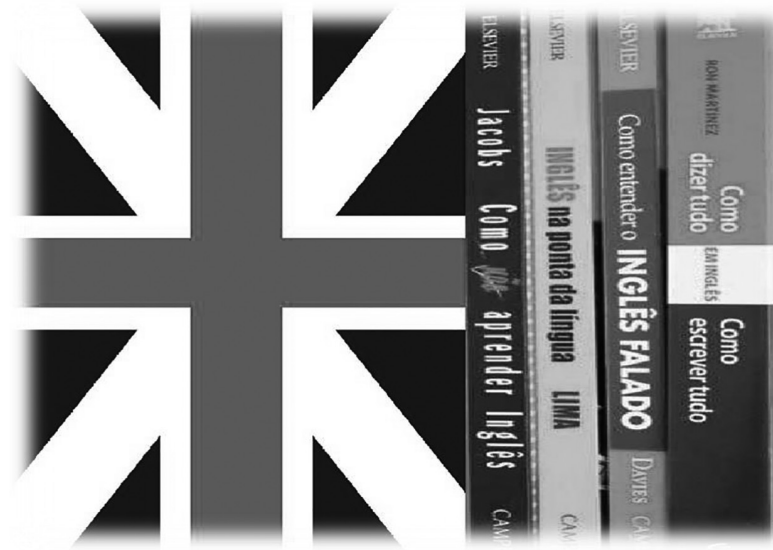
A leitura das poesias dessa autora, que se caracteriza por sua linguagem simples e de fácil entendimento, permanece válida e atual, por se tratar de um exemplo de vida, refletindo em nós como uma lição da mesma. Acredita-se que o contato com a leitura da poesia de Cora Coralina possa motivar o leitor a acreditar em seus sonhos, a lutar para conquistar seus ideais, pois, por mais que seja difícil a conquista dos nossos sonhos, precisamos prosseguir, enfrentando a realidade e procurando nela as coisas que sempre sonhamos.

Referências

- BUENO, Francisco da Silveira. **Dicionário escolar da língua portuguesa**. 11 ed. Rio de Janeiro: FAE, 1985. 1263p.
- CORALINA, Cora. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**. São Paulo: Círculo do Livro S.A., 1987. 183p.
- _____. **Vintém de Cobre: meias confissões de Aninha**. 8 ed. São Paulo: Global, 2001. 236p.
- _____. **Meu livro de Cordel**. 9.ed. São Paulo: Global, 2001. 110p.
- TAHAN, Vicência Brêtas. **Cora Coragem Cora Poesia**. 4 ed. São Paulo: Global, 2002. 239p.

¹ Especialista em Língua Portuguesa e Literatura. Licenciada em Letras- Português/Inglês e suas respectivas literaturas pela UnirG.

A PERSPECTIVA INTERCULTURAL NO ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS



Rosemeire Parada Granada M. da Costa¹

Sabe-se que linguagem é uma forma de se comunicar, utilizando-se de uma língua, podendo ocorrer entre povos de mesma etnia ou de etnias diferentes. Desse modo, o conhecimento de outra língua proporciona acesso não somente à fala ou à escrita de outros povos, mas também à cultura e ao modo de vida desses povos.

Nessa perspectiva, entendo que a aprendizagem de Língua Estrangeira contribui para o processo educacional como um todo, indo muito além da aquisição de um conjunto de habilidades linguísticas. Ao professor cabe planejar conteúdos que permitam aproximar-se da cultura do 'outro' e utilizar esses momentos para discutir e despertar no aprendiz o desejo de conhecer esse povo, saber como essas pessoas trabalham, o que comem, como se vestem, o que comemoram, entre muitas

outras particularidades que diferenciam uma sociedade de outra.

Para isso, é importante que o professor tenha consciência cultural a fim de mostrar ao seu aluno que ao tomar conhecimento da cultura do 'outro' não se faz necessário que ele adquira essa cultura, entretanto, faz-se necessário que ele esteja aberto a novas possibilidades e a novos conhecimentos que o possibilitarão entender que outros povos se comportam de formas diferentes e que essas diferenças não fazem com que uns sejam melhores ou piores que outros, amenizando assim a imagem de 'dominado' que ronda a cabeça daqueles que estudam outra língua.

O ensino de LE tem levantado questionamentos sobre o porquê do ensino deste nas escolas públicas do Brasil. Segundo Moita Lopes (1996), o ensino das línguas

estrangeiras no Brasil é um assunto que vem sendo discutido há muito tempo pelos educadores e linguistas de todos os tempos. O caminho seguido pelos educadores tem sido de angústia e por esse motivo o aluno não tem, muitas vezes, dado a devida importância ao estudo da LE, por não compreender qual seja sua finalidade.

Quanto a isso, Moita Lopes (1996) assegura que o campo de ensino de línguas estrangeiras no Brasil tem sido vítima de uma série de mitos, oriundos da falta de uma reflexão maior sobre o processo.

Os estudos conduzidos por Basso (2006) com professores e alunos de LE revelaram que as aulas de língua realizadas nas escolas brasileiras, são baseadas em exercícios gramaticais e a gramática aparece como o que eles menos gostam de fazer. Segundo esses estudos os professores são leigos, sendo simples repassadores de um novo código de linguagem, tendo a gramática como único recurso e foco principal em suas aulas, apoiados na crença de que saber a língua corretamente antecede o saber a usá-la e que, se aprendem assim, esse deve ser o caminho para ensinar.

Esta prática de ensino, infelizmente, parece ter espaço frequente nas salas de aula de língua inglesa. Entretanto, a atual conjuntura mundial requer outra forma de ensino. No século XXI, com o novo cenário mundial estabelecido, com o advento da Internet, com o encontro das culturas, é imprescindível um programa de ensino de línguas dinâmico e envolvente, para o desenvolvimento da competência comunicativa e da consciência intercultural crítica, dentre outras coisas. Desta forma se estará desenvolvendo conscientemente um ensino que tende a minimizar resultados insatisfatórios.

De acordo os PCNs, ao ensinar uma língua

estrangeira, o educador deverá considerar a sua *natureza sociointeracional*, pois quem a usa considera aquele a quem se dirige ou quem produziu um enunciado. Além disso, tanto a interação oral como escrita são crucialmente marcadas pelo mundo social que as envolve, em um determinado momento e espaço, em relação a quem se dirigem ou a quem se dirigiu a elas.

Devido a necessidade de aprenderem a língua portuguesa na escola, poucos pensam em dar condições de esses estudantes continuarem o desenvolvimento da língua de seu grupo na escola. Seguindo essa linha, Cavalcanti (2005) postula que o bilinguismo está relacionado, de forma estereotipada, a línguas de prestígio, decorrendo daí o bilinguismo de elite, isto é, “o bilinguismo de escolha relacionado a línguas de prestígio tanto internacional como nacionalmente” (op. cit., p. 387).

Os estudantes de línguas frequentemente possuem um forte desejo de se comportar e pensar como falantes nativos com o objetivo de serem reconhecidos como tal. Essa ideia é, contudo, contraditória pois, enquanto alguns tentam evitar parecer estrangeiros, outros têm uma forte vontade de mostrar suas origens.

Segundo a autora:

[...] a apropriação cultural pode necessitar ser trocada pela ideia de adequação, em que os aprendizes tornam a cultura e língua estrangeira sua própria ao adotá-las e adaptá-las de acordo com seus próprios interesses e necessidades” (KRAMSCH, 2009, p. 81).

Byram (1989) afirma que o estudo da cultura é um componente integral do ensino de LE, com seus próprios objetivos e métodos. Além

disso, é uma atividade pedagógica, sendo necessário considerar os processos de ensino e aprendizagem que podem decorrer dela. Deve haver uma metodologia para ensinar cultura que leve em conta os objetivos educacionais e os conceitos de cultura e aprendizado cultural, além da estrutura pedagógica.

Como forma de ampliar essa visão, é preciso acreditar na relação próxima que existe entre língua e cultura e na necessidade de ensinar ambas de uma maneira integrada. Essa integração somente é possível se introduzirmos na aula de LE pelo menos algumas noções de outros assuntos, tais como antropologia, psicologia e sociolinguística. Outro aspecto a ser considerado nesse caso é que a língua ensinada é tanto o objeto de estudo como o meio usado para ensinar e aprender.

Entretanto, os aprendizes precisam

primeiramente se familiarizar com a ideia de fazer parte de uma cultura. Ao explorar sua própria cultura, eles estão prontos para refletir os valores, expectativas, tradições e costumes de outros povos com um grau elevado de objetividade intelectual.

Ainda, o ensino da cultura motivaria o estudante de língua no processo de aprendizagem, pois ajudaria o aprendiz a observar semelhanças e diferenças entre vários grupos culturais o que levaria a uma diminuição das chances de julgamentos impróprios sobre sua cultura em relação às outras (GENC. BADA, 2005).

Portanto, a exploração da cultura através da língua é um processo que pode fortalecer estudantes por oferecer entendimentos mais profundos da comunidade-alvo.

REFERÊNCIAS

- BASSO, Edcleia A. Quando a crença faz a diferença. In: BARCELOS, Ana Maria Ferreira & ABRAHÃO, Maria Helena Ferreira. (orgs). (2006). **Crenças e ensino de línguas: foco no professor, no aluno e na formação de professores**. Campinas: Pontes. p. 65-85.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Médio: Linguagens Códigos E Suas Tecnologias**. Parte2. Brasília, DF: MEC/SEF, 2000.
- BYRAM, M. **Teaching and Assessing Intercultural Communicative Competence**. Clevedon: Multilingual Matters, 1989.
- CAVALCANTI, L.S. **Cotidiano, mediação pedagógica e formação de conceitos: uma contribuição de Vygotsky ao ensino de geografia**. Cadernos Cedes, Campinas, v. 25, n. 66, p. 185-207, maio/ago. 2005.
- GENC, B., & BADA, E. (2005). **Culture in language learning and teaching**. Retrieved 25 March 2006 from http://www.readingmatrix.com/articles/genc_bada/article.pdf
- KRAMSCH, C. Cultural perspectives on language learning and teaching. In: KNAPP, K.; SEIDLHOFER, B. (Eds.). **Handbook of foreign language communication and learning**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2009b. p. 219-245.
- MOITA LOPES. A ideologia da falta de aptidão para aprender línguas estrangeiras em alunos de escola pública. In: **Oficina de Linguística Aplicada**. Campinas. SP: Mercado de Letras. 1996. pg. 63-79.

¹ Mestre em Língua e Literatura pela Universidade Federal do Tocantins – UFT. Doutoranda em Letras pela Universidade Federal do Tocantins – UFT. Atualmente leciona e pesquisa na Universidade de Gurupi- Unirg na área de formação de professores de LE e questões acerca do tema. E-mail: meiregranada@gmail.com

OS ORNATOS NO DISCURSO POÉTICO: CONTRIBUIÇÕES DA RETÓRICA PARA O ENSINO DE LITERATURA

Lucas dos Santos Costa¹

A retórica, que tem a origem do seu nome do grego, *rhetoriké* “arte da retórica”, relacionada a *rhéseis* “ação de falar”, pode ser considerada em sentido lato como a ‘arte de persuadir por meio da fala’. Nesse sentido, como entendiam os gregos, ela é também uma técnica que objetiva tornar o discurso capaz de persuadir. Desse modo, os seus primeiros tratados, que foram de procedência jurídica, ofereciam aos oradores procedimentos para uma argumentação eficiente.

Em Atenas, Górgias pôs essa arte pela primeira vez no campo literário, a serviço da eloquência e do belo, ao criar um elogio público, em forma de prosa, com muitas figuras, uma “composição tão erudita, tão ritmada, e por assim dizer, tão bela quanto a poesia” (NAVARRE, p. 86 apud REBOUL, 2004, p. 4). Ele foi um dos sofistas, que segundo Platão no diálogo *Górgias*, usavam a retórica para deturpar a verdade e cuidar mais da aparência do discurso, deixando esse vazio. Assim, surgiu a conotação pejorativa dessa arte, que a tem como artificial, em outros termos, como desprovida de uma função e conteúdo úteis.

No decorrer dos séculos, a retórica como disciplina, depois de estar na base do ensino grego, se instala na do romano. Porém, há uma tendência de os romanos conceberem-na somente como uma técnica de ornamentação do discurso (REBOUL, 2004). Por isso, ela

perde sua dimensão argumentativa, se reduz a um catálogo de figuras e, por conseguinte, volta a ser concebida em como inútil.

Sendo assim, a retórica após quase desaparecer no século XIX, após sua declinação, a partir dos anos 60, ressurgiu no campo literário, pelo movimento que inclui Jean Cohen, o grupo MU, Gérard Genette, Roland Barthes e que dispõem do “conhecimento dos procedimentos da linguagem característicos da literatura” (GRUPO MU, LARROUSE, 1970, p. 25 apud REBOUL, 2004, p. 88). Com esse movimento, ela continua bastante estruturalista, logo, vista sob uma perspectiva semelhante àquela que a reduz a uma relação de figuras.

Diante desse breve percurso, como afirma Fiorin (2014, p. 10), “o problema é que a figura era apresentada como uma operação formal, sem que se mostrasse que sentido ela criava. As formas da língua existem para produzir sentidos”. Por isso, crê-se que na relevância da retórica que oportuniza o conhecimento metalinguístico das figuras, os ornatos do discurso, concebidas como operações formais na estrutura textual, possuidoras de uma funcionalidade, por serem geradoras de significação.

Sobre o entendimento do que abrangemos apenas por ‘figuras’, sabe-se que a retórica clássica as divide, mais especificamente, em tropos e figuras. Ela considera os tropos como o uso de um vocábulo em lugar de outro, com uma

relação semântica entre o usado e o evitado, que causa uma mudança de sentido na medida em que o usado esteja fora de sua acepção corrente; tal relação pode ser de semelhança, como na metáfora, ou de contiguidade, como na metonímia. Ainda, tal retórica considera as figuras, como o uso personalizado de palavras na estrutura textual, que não altera o sentido dessas, como no hipérbato e na antítese (TEIXEIRA, 1998).

Atualmente, nos estudos retóricos, as divisões entre tropos e figuras variam entre os teóricos, mas seja qual for a categorização, permanece a distinção, entre as figuras trópicas, sendo essas concebidas como as que mudam o sentido dos vocábulos empregados e as figuras não trópicas, como as que não alteram o sentido deles.

Por outro lado, a “abordagem retórica da literatura [...] leva em conta [...] o ato de emissão e seu efeito sobre o leitor” (TEIXEIRA, 1998, p. 42), considerando a poesia um discurso, isto é, a comunicação de um autor que interage com um receptor, em uma determinada circunstância. Sendo assim, as figuras na poesia são tratadas como detentoras “de uma dimensão argumentativa, pois elas estão a serviço da persuasão, que constitui a base de toda a relação entre enunciador e enunciatário” (Idem, p. 10).

Dessa maneira, veremos a seguir, que a retórica discorre sobre motivo e o processo de uso dos ornatos na produção da poesia e, que ela trata dos efeitos que esses adornos causam ao receptor dessa obra. Também, notaremos que ela contribui para o ensino de literatura, ao versar sobre recepção da poesia ornada e ao oferecer o conhecimento da função estrutural das figuras a quem precisa interpretar essa poesia.

O uso dos ornatos na poesia se justifica, pelo fato de o poeta na produção, submeter a estrutura gramatical idiomática do texto, a uma licença que Lausberg (2004) chama de *obscuritas*, que em certo grau dificulta a compreensibilidade desse texto, a *perspicuitas*. Isso ocorre porque o discurso poético, não apenas possui uma dimensão inteligível, que busca mostrar ou provar, mas também, a afetiva que visa deleitar ou agradar e emocionar ou comover (CÍCERO, 1921; QUINTILIANO, 1980 apud FIORIN, 2014). Assim, para encantar o leitor, o poeta utiliza os ornatos que tornam o texto mais denso, no polimento de sua expressão, e trabalha com a escolha das palavras que mais bem exprimem sua inspiração.

Pela dimensão afetiva, o poeta através do estilo artístico, ao mimetizar sua realidade e suas altas aspirações, expressa a sua subjetividade estética na composição textual, que afeta a clareza do que ele diz, na medida em que ele deixa de dizer objetivamente. Isso, ele faz a partir de sua cosmovisão, formada por suas vivências e inclusive, suas experiências anteriores de leitura, seja de textos, como também do próprio mundo em que ele vive. É dessa maneira, que na expressão linguística, os pensamentos ganham formas estilísticas e figurativas, as quais conforme Lausberg (2004) são apenas recipientes do conteúdo, ou seja, elas têm valor por estarem completas, de conteúdos subjetivos e carregados por meio de intenções, não são artificiais.

Admite-se que na produção do discurso poético, os seus adornos ganham formas textuais na fase elocutiva, isto é, na enunciação dos pensamentos que formalizam o texto. Nessa elocução/enunciação, há quatro virtudes: a correção, a clareza, a ornamentação e a adequação do discurso às circunstâncias; a quarta se sobrepõe às três primeiras (Idem,

2004). Com isso, entende-se nessa fase, a adequação desse discurso às intenções do autor, conforme a situação em que ele enuncia, pode exigir um grau menor ou maior de correção gramatical, assim como de clareza e ornamentação.

Vê-se que os ornatos são usados na produção da poesia, porque ela possui provas de persuasão patéticas, que consoante Aristóteles (2005), se concerne às emoções e paixões (*pathé*, em grego) do alocutário. Essas provas tornam a poesia mais convincente, mais apta a ser aceita e aclamada por quem a recebe e se vinculam à própria função de seu gênero, de mover as paixões do receptor.

Os adornos no texto causam ao seu receptor um estranhamento. Esse efeito é um choque psíquico que varia em maneira e grau e ocorre à medida que o leitor adentra ao inesperado na matéria e nos fenômenos de elaboração (LAUSBERG, 2004). Assim, a própria poesia “[...] procura um estranhamento próprio e lúdico, que, dentro do seu gênero, lhe corresponda” (Idem, p. 112).

Em vista disso, no ensino de literatura, o aluno ao deparar-se com o texto poético que se distancia de uma linguagem objetiva e habitual, pode estranhar o uso artístico da linguagem empregada nele. Por isso, o professor precisa

conscientizá-los de que a ornamentação é típica da poesia e a singulariza, ao intensificar ou atenuar os sentidos da mensagem.

Ainda no ensino, observa-se a dificuldade de alunos, com a interpretação de poesias que têm grande quantidade de ornatos que diminuem a sua clareza, ao serem expressão da subjetividade estética do poeta. Essa dificuldade ocorre devido ao desafio que o autor faz ao público, ao deixá-lo “a elaboração do estádio final” (LAUSBERG, 2004, p. 128) dessa obra. Dessa forma, o leitor precisa “desempenhar certo grau de colaboração [nela]” (Idem, p. 128)

Essa colaboração ocorre no ato de interpretação do leitor que ativa o conhecimento metalinguístico das figuras, ao reconhecer a presença e a função de cada uma delas e então, ao procurar os efeitos de sentido de cada uma no texto. Após isso, a clareza que esse texto “[...] adquire, é, dessa maneira, o fruto do trabalho do público” (Idem, p. 128).

Portanto, na interpretação da poesia, o professor precisa ensinar seus discentes a reconhecerem a presença e a função das figuras na estrutura dessa obra, para que eles interpretem o sentido desses ornatos. Tão somente, o grau do estranhamento no contato com a poesia ornada, por parte desses alunos, pode diminuir.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Retórica**. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2005.
- FIORIN, José Luiz. **Figuras de retórica**. São Paulo: Contexto, 2014. 205 p.
- LAUSBERG, Heinrich. **Elementos de retórica literária**. Tradução de R. M. Rosado Fernandes. 5ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2004. 294 p.
- REBOUL, Olivier. **Introdução à Retórica**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- TEIXEIRA, Ivan. Retórica e Literatura. **Cult**, julho de 1998. p. 42-45. Disponível em: http://www.usp.br/cje/depaula/wp-content/uploads/2017/03/Ret%C3%B3rica-e-Literatura_Ivan-Teixeira-1.pdf. Acesso em: 25 de março de 2019.

¹ COSTA, Lucas dos Santos - Graduando em Letras – Licenciatura em Português/Inglês e suas respectivas literaturas, pela Universidade Regional de Gurupi - UnirG, Gurupi/TO. E-mail: lucascostalettras@gmail.com.

OUTRAS ARTES

GRAFITE: EXPRESSÃO VISUAL ARTÍSTICA

Thallison Assunção¹



Grafitte - Henrique Viegas/Maio, 2013.

Tratar de arte é consideravelmente difícil tendo em mente os diversos significados e conceitos que podem ser atribuídos a essa palavra. De acordo com o dicionário, uma das possíveis significações é “Produção de obras, formas ou peças orientada por um ideal estético ou com o objetivo de expressar subjetividade ou transmitir um conceito ou uma mensagem [...]” (ARTE, 2019).

Tomando como ponto inicial a expressão da subjetividade humana, podemos iniciar um debate sobre em que consiste o grafite. Um dos pontos mais difíceis para se discutir isso, é demarcar uma linha entre o que é uma pichação e o que é grafite. Enquanto para alguns estudiosos, ambas as práticas se conectam, para outros elas se distinguem a partir de determinado ponto e, portanto, são estudadas separadamente.

“O graffiti constitui-se numa expressão visual e simbólica que pode ou não ter uma dimensão estética, porém sempre revela o pensamento da

cultura urbana” (BRANDÃO; SCHMIDT, 2008, p. 2).

Aos pichadores interessa mais o ato, o rito, o aparecer, o transgredir, e menos o processo criador. A eles o resultado estético não é só secundário, como chega, em alguns casos (como nos rabiscos e palavrões), a ser algo a ser desafiado; já que, com uma estética dissonante que busca o rabisco, o sujo, mais se transgride os padrões da cultura, e, logo, mais se chama atenção sobre si e sobre o trabalho. (RAMOS, 1994, p.49 apud HONORATO, 2008, p.3)

Consultando um dicionário, as significações das duas palavras não são muito divergentes. “Desenho, inscrição, assinatura ou afim, feito

geralmente com tinta de spray em muros, paredes e outras superfícies urbanas.” (GRAFITE, 2019). “Inscrição ou rabisco, geralmente de teor político, em fachadas de edifícios, muros ou outras superfícies. = PICHAGEM, PICHÓ” (PICHANÇA, 2019).

Mas se ambas têm significados tão similares, por que elas são colocadas distintas uma da outra? Para Franco, essa diferencial dá-se inicialmente por caráter estético. “[...] no Brasil as duas práticas (grafite e pichação) foram se distinguindo formalmente, o que fez com que a coibição recaísse com mais força sobre a pichação. Ainda que ambas permaneçam ilegais, os grafiteiros têm melhor aceitação para sua prática.” (FRANCO, 2009, p.20).

Outro problema que surge quando se fala de grafite e pichação aparece quando o pichador, que antes usava do anonimato para fazer protestos de teor político e buscar atingir espaços vistos como inalcançáveis, agora usa desse mesmo artifício apenas para sujar o ambiente urbano. Deixa-se então de ter forma e objetivo concreto. Essa prática contribui para que se criem mais ideias ruins sobre o grafite que até então se encontra fortemente associado à pichação.

A LEI Nº 12.408, DE 25 DE MAIO DE 2011 altera o art. 65 da Lei no 9.605, de 12 de fevereiro de 1998 e descriminaliza a grafiteagem que até então era, bem como a pichação, crime. É a partir desse momento que as duas práticas se distanciam ainda mais e passam a ser vistas como completamente diferentes. A ideia de que elas nascem de um mesmo princípio torna apenas

detalhe na história da origem.

Dentre os principais nomes que compõem a lista de grafiteiros brasileiros estão: Os gêmeos, Crânio, Kobra, Alex Hornest, Nina Pandolfo, Nunca, Zezao, Binho Ribeiro, Nick Alive e Anarkia Boladona. Também é digno mencionar projetos como o Afrografiteiras que visa à liderança feminina na cultura urbana.

Apesar de o grafite ser mais bem aceito pela sociedade, ele ainda é duramente criticado por uma parcela de pessoas que questionam se isso pode realmente ser considerado arte. Algumas consideram até mesmo como simples bagunça, um derrame de tintas em espaço público.

O conceito de arte é pouco difundido e muitas vezes essa limitação acaba por reduzir o que é considerado manifestação artística a apenas aquelas produções que agradam determinado grupo social. Deixa-se de lado o material produzido pelas classes menos afortunadas e passa-se a elitizar até mesmo o que é chamado arte, situação não diferente acontece quando se fala de grafite ou picho.

Concluimos, portanto, que é necessário estudar as esferas em um coletivo antes de tentar fazer qualquer tipo de separação. Ambas as práticas, grafite e pichação, nascem de um mesmo princípio e se divergem quanto à forma e, comumente, ao grupo social que a representa. Assumindo o contexto de expressão da subjetividade humana, é possível, sim, entender a grafiteagem como manifestação artística.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Cláudia Mariza; SCHMIDT, Elisabeth Brandão. MARCAS URBANAS: A ARTE DO GRAFFITI E AS RELAÇÕES SÓCIOAMBIENTAIS DOS SUJEITOS CONTEMPORÂNEOS. 2008. Disponível em: <<http://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/4936/MARCAS%20URBANAS%20A%20ARTE%20DO%20>
- HONORATO, Geraldo. GRAFITE: DA MARGINALIDADE ÀS GALERIAS DE ARTE. 2008. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1390-8.pdf>> Acesso em: 20/03/2019
- FRANCO, Sérgio Miguel. **Iconografias da metrópole**: grafiteiros e pichadores representando o contemporâneo. São Paulo, 2009.

¹ Graduando em Letras – Licenciatura em Português/Inglês e suas respectivas literaturas, pela Universidade Regional de Gurupi - UnirG, Gurupi/TO.

A IMPORTÂNCIA DA NARRATIVA PARA O ENSINO DE TEATRO (PARTE 1)

Valdemiro Gomes de Souza¹



Durante o processo de criação de narrativa, pode-se perceber que os estudantes não tinham aquela cultura de antigamente, em que antes de dormir pedia para que os pais contassem uma história para dormir, para se divertir com seus amigos, irmãos, primos. O projeto é uma forma de se resgatar os aspectos culturais, valores e costumes de um determinado povo que com o passar dos tempos acabaram sendo esquecidos. Contar histórias é educativo, apesar de termos uma tecnologia muito avançada, é preciso que os estudantes tenham esse contato com as histórias, vivenciar

em seus personagens, as emoções, sentimentos que despertarão no estudante o gosto pelo teatro.

A narrativa viabiliza ao estudante ator a mergulhar no mundo real ou fictício de seus personagens, e assim poderá ter um entendimento mais afluído sobre seu personagem, como também pode representá-lo em cena. É importante que o ator tenha contato com o passado, só assim ele pode ter um melhor entendimento e compreensão do presente.

Lembro-me de quando era criança, brincava muito com meus primos que

moravam na fazenda do meu padrinho e todo dia à noite, antes de dormir, meu padrinho contava histórias para eu e meus primos dormirmos. Aquilo era muito gostoso e nos dava muito prazer, eu imaginava os personagens, vivenciava suas ações e, sem perceber, estava completamente envolvido com a história.

A narrativa oferece aos professores de teatro possibilidade de trabalhar temas transversais e utilizar do jogo e a improvisação para criar temáticas pedagógicas e fazer apontamentos sobre problemas sociais, políticos, questões sobre a violência e agravos sociais, racismo, sexualidade, saúde, higiene pessoal, dentre outros fatores culturais, éticos, religiosos, sendo assim, conseqüentemente contribuirá para formação dos estudantes.

A pesquisa busca de forma consistente viabilizar ao educando novas possibilidades de aprendizagem e saberes necessários à formação humana. Mas antes de tudo é importante sabermos realmente o verdadeiro significado da palavra Narrativa. Para melhor conceituar essa palavra foram pesquisadas várias fontes bibliográficas em busca de uma resposta que pudesse convencer o entendimento do seu real conceito. Assim, depois de muita insistência, foi-se possível chegar a uma definição convincente. Lucas de Carvalho Larcher Pinto, em seu trabalho “A Narrativa no Teatro Infanto-juvenil: Teoria, Análise e Prática”, de 2013, fala sobre a importância da narrativa no ensino de teatro:

Então, é de se compreender que ao longo da história do espetáculo teatral, a narrativa sempre esteve presente nas mais variadas manifestações e gêneros dramáticos. Desde o coro das tragédias gregas, passando pelos textos de Shakespeare em que se narrava (ou descrevia) os ambientes em que se desenvolviam as ações, a narrativa encontrou solo fecundo para seu disseminar na arte teatral (LARCHER, 2013, p.17).

A narrativa é uma exposição de fatos, uma narração, um conto ou uma história. As notícias de jornal, história em quadrinhos, romances, contos e novelas, são, entre outras, formas de se contar uma história, ou seja, são narrativas. As narrativas são expressas por diversas linguagens: pela palavra (linguagem verbal: oral e escrita), pela imagem (linguagem visual), pela representação (linguagem teatral) etc. O texto de Larcher (2013) discorre sobre a importância da narrativa no ensino de Teatro.

Com essa possibilidade, temos, então, que um dos traços fundamentais da narrativa deve ser levado à cena: o narrador, ou seja, aquele quem conta a história que agora será retratada de forma cênica-teatral [...]. A narrativa encontra, portanto, no narrador, a possibilidade de ser transmitida, saindo da esfera do individual para a do coletivo, por meio da narração (LARCHER, 2013, p.18).

Diante desse discurso a pesquisa

busca através do ensino de Teatro construir uma inovadora e moderna forma de educar, visto que as histórias contadas fornecem uma fonte bastante abrangente de saberes essencial para formação humana.

O fazer teatral através de narrativas é, portanto, uma forma de subsidiar o professor de Arte na realização de atividades teatrais com seus estudantes.

No sentido de narrativa: maneira pela qual os fatos são relatados por um sistema, linguístico, na maioria das vezes, ocasionalmente por uma sucessão de gestos ou imagens cênicas. Como a narrativa, a narração recorre a um ou vários sistemas cênicos e orienta linearmente o sentido de acordo com uma lógica das ações em direção a um objetivo final: o desenlace da história e a resolução dos conflitos. A narração faz “ver” a fábula em sua temporalidade, institui uma sucessividade de ações e imagens (Pavis, 2001, apud LARCHER, 2013, p.17). 19

E neste contexto a narrativa no ensino de teatro busca de forma consistente construir caminhos e criar estratégias de ensino e aprendizagem, favorecendo ao estudante a utilizar-se

de sua criatividade para desenvolver suas atividades, encorajar o educando na busca de sua autonomia para desenvolver seus projetos dentro e fora da instituição escolar.

Assim, a relação entre os ouvintes e os narradores é dominada pelo interesse em conservar o que foi narrado. Para isso, é importante que o ouvinte assegure a possibilidade de reprodução daquilo que lhe foi enunciado. Por isso, podemos dizer que em cada narrador (que um dia foi ouvinte) vive uma Scherazade (que imagina uma nova história em cada passagem da história que está contando) acrescentando à narrativa sempre a experiência de quem a transmite (LARCHER, 2013, p.18).

Diante dessa realidade temos certeza de que a narrativa como elemento introdutório no processo de construção de cenas teatrais possibilita ao professor de teatro a desenvolver novas formas de aprendizagem. As histórias fornecem aos atores momentos de descontração, alegria, socialização, desenvolvimento do pensamento crítico, sensibilidade, percepção, reflexão, o despertar da imaginação e o gosto pelo mundo das histórias e do Teatro.

REFERÊNCIAS

CHACRA, Sandra. **Natureza e Sentido da Improvisação Teatral**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2010. 183p. LARCHER, Lucas. **A Narrativa no Teatro Infanto-juvenil**: Teoria, Análise e Prática. Horizonte Científico (Uberlândia), v.7, p.1-30, 2013.

¹ Licenciando em Português/Inglês e suas respectivas literaturas, pela Universidade Regional de Gurupi - UnirG, Gurupi/TO. Licenciado em Artes Cênicas pelo Instituto Federal do Tocantins – IFTO – Campus Gurupi.

RESSACA DE LEITURA

O FOGO COMO PERSONIFICAÇÃO DE VIDA E MORTE NO POEMA “VITALIDADE”, DE NETO AMORIM

Fabiano Donato Leite¹



Entre todos os elementos caros à mentalidade dos poetas e do povo brasileiro, o fogo talvez seja aquele de maior significação transcendental para a formação do imaginário de nossa gente. Desde o século XVI, nos escritos dos cronistas viajantes, como Jean de Léry (1980), nota-se que a presença do fogo nas ocas indígenas significava o momento iniciático para a vida da tribo. Ao fogo cabia a tarefa de realizar o afugentamento dos perigos que rodeavam a vida diária dos nativos, bem como ainda de propiciar o calor vital para a cocção dos alimentos e a manutenção das pulsões eróticas no sangue fervente dos ameríndios, pois este elemento transforma-se gradativamente numa metáfora de libidinosidade crescente. O fogo prefigura a ardência da paixão e os impulsos para o acasalamento entre os indivíduos.

Inúmeras são as narrativas indígenas brasileiras que nos dão conta da existência do elemento fogo como base para a vida e a morte do imaginário de um povo. Há inclusive lendas do povo suruí, de Rondônia, que segundo a antropóloga Betty Mindlin (1996,p.90) demonstram vivas semelhanças com o roubo do fogo realizado por Prometeu, no relato mitológico dos gregos.

Fato este é que o fogo sempre ocupou e ocupa ainda hoje o

imaginário poético dos artistas brasileiros e permanece como uma grande matriz imagística para a poesia contemporânea. A obra poética de Neto Amorim é significativamente assinalada pela presença de dois grandes elementos: água e fogo. Se por um lado a água exhibe a dinâmica do fluir noturno das imagens inconscientes nesta poética, por outro, o fogo lembra as pulsões eróticas do desenrolar do binômio morte e vida nos textos. Há em vários poemas o elemento água como provocador do fluxo existencial da vontade humana, responsável pela geração de vida nos versos, pela ampliação do erotismo manifestado pelo eu-lírico. Já a presença do fogo remete o leitor para uma dinâmica de destruição e afirmação da ambiguidade existencial inerente ao que vive.

Texto riquíssimo em imagens ígneas é o poema **Vitalidade** (2018), que a partir do título já acende na memória do leitor o ardente fogo de permanecer vivo, caloroso. Vitalidade lembra fluência, sanguinidade, escorrer interno do sangue pelas veias, afirmação do que está sendo, daquilo que se quer perpétuo, que se exhibe como orgânico, inteiro, pulsante, cheio de vontade de plenitude.

Durante a construção textual, o poeta acende no leitor a memória de tudo aquilo de que é capaz o fogo,

principalmente ao evocar as imagens da vela, do pavio, da cera grudada, das cores diversas da chama. O texto remete o leitor para outro texto de crítica literária, desta vez de autoria de Octávio Paz, em que o célebre ensaísta mexicano explora as dualidades cromáticas da chama para celebrar o amor e o erotismo por meio das variantes das cores do fogo. Deste modo, a reflexão que Neto Amorim realiza por meio das imagens do poema **Vitalidade**, não se afasta bastante das considerações críticas feitas por Paz.

Há no poema **Vitalidade** um evoluir evidente entre a dinâmica das cores da labareda na vela. E à semelhança da ‘dupla chama’ evocada no ensaio de Octávio Paz, (1994) para nomear os instantes de amor e erotismo por meio do fogo, também no poema de Neto Amorim, a cor vermelha demonstra o início do erótico e a cor azul revela ao final, aquilo que ficou no mais profundo do ato amoroso, ou seja a pulsão vital do amor já purificado pelo toque agressivo do consumir-se pela chama ardente. Note que o fogo no poema de Neto Amorim é agressivo, porque ao mesmo tempo que alumia, aquece e destrói, mas revela em sua luminosidade o derradeiro extrato do envolvimento erótico: o amor luminescente no fundo da chama, cuja cor azul leva o leitor a imaginar

a profundidade exigida ao final para a permanência do amor.

Poema que parece primeiramente levar o leitor ao caos da degradação humana pelo fogo, como se ousando mostrar imagens do holocausto nazista de um corpo sendo queimado pelos fornos crematórios dos campos de concentração do século XX, posteriormente, o poeta transporta o leitor para outra atmosfera menos geral e evoca a decadência particular da vida humana nesta vela que aos poucos resiste ao depauperamento ardente. Observe que a metáfora da vela como suporte para a existência deixa de ser de um povo para ser da espécie humana. O processo de combustão extrapola o corpo da vela e do homem para demonstrar o destino comum de toda gente. Com o arder da vela, começa a surgir o desejo humano de adentrar a essência mais íntima do fogo, até chegar ao sustentamento verdadeiro da labareda vida, o azul que dorme e se agita no fundo do pavio. É no azul do fogo que também vive a imagem sustentadora do amor, segundo Octávio Paz. Também no poema de Neto Amorim, a semelhança entre as dinâmicas das cores remete o leitor à reflexão em torno desta expressão cromática. Passadas as agitações vitais do ser, o que resta como rescaldo da briga

entre erotismo e paixão é o amor morando no fundo abismo azul da chama. O amor tem força de durar e sustentar a atividade erótica, porque jaz silencioso e tranquilo no quase imperceptível azul das agitações da alma humana. Encerrando o poema, Neto Amorim lembra ao seu leitor que a atividade do fogo não é apenas destruir, mas aquecer e produzir uma luz transformadora de nossa escuridão em algum recanto iluminado do ser:

“E assim, esse fogo nos
queima as artérias
E ilumina nossos espíritos. ”

Deste modo, cumprindo a dialética de construir e destruir, por um lado o fogo põe termo à matéria, por outro vivifica e torna afirmativo o espírito que mora no homem. Percebe-se claramente que a intenção do poeta ao se servir da imagem da chama é aquela de explorar a

existência humana, investigando-a à luz de uma vela, comparando-a ao elemento fogo para clarear no espírito humano seu desejo de ver o homem mais iluminado, porque mais consciente do poder de seu jogo interior entre as contradições de destruir e surgir outro diferente das cinzas. O poema ultrapassa a decadência inicial para mostrar um homem completo por meio da descoberta da luz do espírito. Pode-se dizer indubitavelmente, que o poema cumpre como no dizer de Bachelard, a função de despertar. Grande poesia, grande feito imagístico, mensagem nova e valiosa para o leitor contemporâneo.

Além do poema Vitalidade, no qual as imagens ígneas ardem de significação, existem diversos outros momentos em que o elemento fogo incendeia bravamente as retinas do público leitor, como em Claridade, Setembro, Anseio de ser e Crepúsculo.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, Neto. 'Vitalidade', em: **Indizível** o despertar. Gurupi, 2018;
- BACHELARD, Gaston. **A Psicanálise do fogo**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1994. Título original: La Psychanalyse du feu;
- LÉRY, Jean de. **Viagem à terra do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980;
- MINDLIN Betty e narradores Suruí. **Vozes da Origem**. São Paulo: Ática, 1996;
- PAZ, Octávio. **A dupla chama: amor e erotismo**. São Paulo Siciliano, 1994.

¹Fabiano Donato Leite – Professor, poeta e prosador tocantinense, em Gurupi- Tocantins, julho de 2018.

O HOMEM HUMANIZA O CÃO, OU O CÃO HUMANIZA O HOMEM?

Elane Aparecida M.S.Milhomem¹



Desde que o homem começou a domesticar os animais o cão tornou-se seu melhor amigo, estavam juntos na caçada, no pastoreio de ovelhas, e na proteção dos seus lares e tribos entre outras atividades. Isso chamou a atenção de escritores famosos como: Graciliano Ramos, Walcyr Carrasco e Ariano Suassuna estes fizeram do cachorro personagens importantes em seus livros.

Graciliano Ramos em o livro: Vidas Secas mostrou a história da cachorra

Baleia, que acompanhou seus respectivos donos na fuga incessante da seca, essa lhes trazia esperança, comida e alegria para as crianças. Podendo ser percebido na seguinte parte:

lam-se amodorrando e foram despertados por Baleia, que trazia nos dentes um preá. Levantaram-se todos gritando. O menino mais velho esfregou as pálpebras, afastando pedaços de sonho. Sinhá Vitória beijava o focinho

de Baleia, e como o focinho estava ensanguentado, lambia o sangue e tirava proveito do beijo. (RAMOS, 1938 p.09)

No livro o autor revela as condições subumanas que a seca lhes traz, nivelando assim animais e pessoas, e quando a pobre cadela vitimada pela seca e a fome vem a adoecer, a lei da sobrevivência fala mais alto, Fabiano seu dono a sacrifica por não poder mais seguir viagem.

Walcyr Carrasco em: *O Anjo de quatro patas* escreveu sobre a verdadeira amizade entre um homem e seu cão. o autor chega a afirmar em uma de suas páginas que: “A fidelidade de um cão costuma ser maior que a de uma pessoa, mesmo quando o animal é submetido a situações extremas”(CARRASCO, 2013).

Misturando em sua obra realidade e ficção contou a história de Uno, que recebeu esse nome porque não possuía irmãos, eles tornaram-se amigos após Carrasco perder sua amada e quase entrar em depressão, foi uma verdadeira história de amor.

Ariano Suassuna em: *O Auto da Compadecida* mostra que a cachorra de uma das personagens de sua obra é tratada como uma verdadeira rainha sendo perceptível no seguinte trecho: “...comida que ela mandava para o cachorro. Até carne passada na manteiga tinha. Para mim, nada, João Grilo

que se danasse” (SUASSUNA, 1955, p.24).

Após a morte da cachorra sua respectiva dona paga para o padre fazer a cerimônia fúnebre do animal em latim.

Essas obras mostram que a humanização do cão e do homem acontece de forma simultânea, na primeira houve a humanização do homem, a cachorra traz o alimento para a família faminta ao invés de ela própria usufruir do mesmo, contentando-se apenas com os ossos, traz alegria e proteção para seus donos. A segunda traz a humanização do cachorro, Carrasco o considera um verdadeiro amigo e vive com ele uma história de amor e ainda o considera um anjo. Já a personagem de Suassuna tem uma vida de rainha alimentando-se melhor que o próprio empregado de sua dona e após a morte ainda tem mais vantagens de que o próprio ser humano, que é ter sua cerimônia fúnebre em latim.

Portanto pode-se afirmar que homens humanizam seus cães, alguns até ocupam o lugar que antes eram de crianças, amigos ou outros animais, são mais companheiros e não dão tanto trabalho, as lambidas, latidos e carinho são sinceros e verdadeiros, o que muitos humanos que se dizem “amigos” não podem oferecer. Já por parte do cão devolvem ao ser a sensibilidade, o afeto que por algum motivo foi perdido. Tornando assim simultânea a humanização.

REFERÊNCIAS

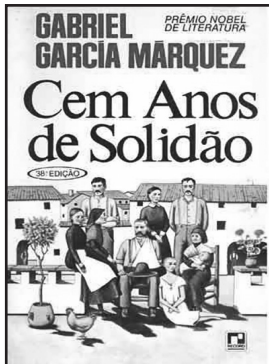
CARRASCO, Walcyr. *O anjo de quatro patas*. São Paulo. 2 ed, 2013.

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. 1938. p. 09

SUASSUNA, Ariano. *O auto da compadecida*. 1955. p. 24.

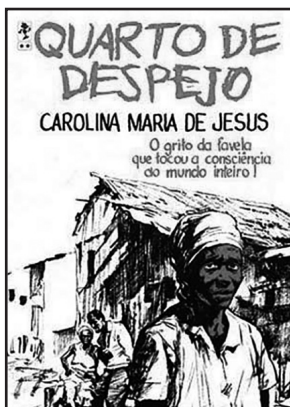
¹ Graduanda em Letras – Licenciatura em Português/Inglês e suas respectivas literaturas, pela Universidade Regional de Gurupi - UnirG, Gurupi/TO.

CURIOSIDADES LITERÁRIAS



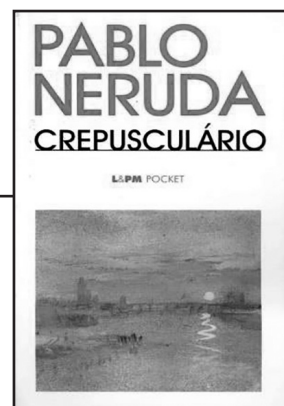
Foi com suas últimas economias que o escritor colombiano Gabriel Garcia Márquez publicou sua obra-prima *Cem Anos de Solidão*. A primeira tiragem de oito mil exemplares se esgotou em 15 dias.

“Úrsula”, de Maria Firmina dos Reis, é apontado como o primeiro romance escrito por uma mulher publicado no Brasil. Durante anos, a autora assinou a obra com o pseudônimo “Uma Maranhense”, em referência ao estado em que nasceu. Negra e bastarda, ela construiu uma narrativa comum para a época: um triângulo amoroso entre uma jovem humilde, um homem rico e um vilão. Contudo, havia um grande diferencial, a história era contada sob o ponto de vista de três personagens negros.



Carolina Maria de Jesus é considerada uma das primeiras e mais importantes escritoras negras do Brasil. “Quarto de Despejo” é sua obra mais conhecida e narra o sofrimento da população pobre em uma favela no período de 1955 a 1960. No entanto, mesmo com o grande sucesso de seu primeiro livro, a autora acabou morrendo pobre e esquecida aos 62 anos, alguns dizem que devido à sua personalidade forte.

O poeta chileno Pablo Neruda só conseguiu publicar seu primeiro livro, *Crepusculário*, depois de vender todos os seus bens para financiá-lo.



Patrocínio

Dr. Felipe Oliveira Neves
CRM-TO 1943

Médico Especialista em Anestesia
Membro da Sociedade Brasileira para o Estudo da Dor

(63) 3312-2570

(63) 98409-4996 

REABILITAR - ESPAÇO SAÚDE, Av. Pernambuco, nº 1343 entre ruas 2 e 3 - Gurupi-TO



• ACADEMIA DE INGLÊS •

Washington®

